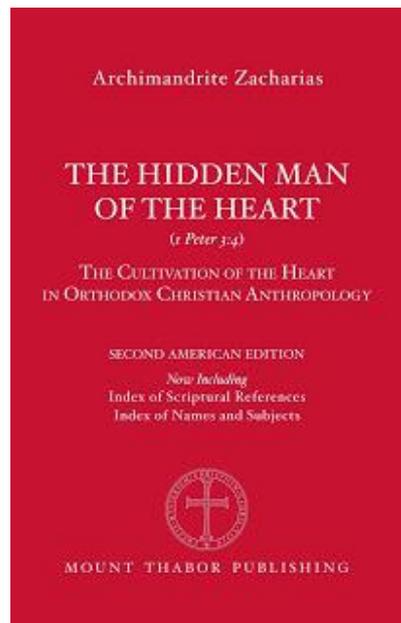


Arquimandrita Zacaria de Essex

“O Homem Oculto do Coração”



Fonte: <https://almasihqam.blogspot.com/>
Redação final: Paulo Ferreira

CAPÍTULO 1

O DESPERTAR DO CORAÇÃO ATRAVÉS DA ATENÇÃO À MORTE

O homem e seu destino estavam na Mente do Deus Triúno "antes do mundo ter início" (2 Timóteo 1: 9; Tito 1: 2; cf. Rm 8:29). Num momento particular, que os poderes limitados do homem não podem discernir, o Deus pré-eterno decidiu criar o homem de acordo com Sua imagem e semelhança. Ele o fez de uma maneira pessoal e direta, e dotou-o de uma mente incrível e um coração maravilhoso, que é capaz de abraçar não apenas toda a criação, tanto "vista como não vista", "visível e invisível", como a Divina Liturgia de São Basílio diz, mas até a própria eternidade de Deus. O homem é o verdadeiro senhor do reino do mundo, a coroa de toda a criação.

Desde o início, Deus dotou a natureza do homem com Suas próprias qualidades, com todas as virtudes e com uma forte afinidade com o Seu Espírito. O homem se deleita na boa presença de seu Criador. Sua mente podia se elevar a Deus e ver Seu rosto, e essa visão acelerou seu coração, que foi ampliado com sensações indescritivelmente poderosas de gratidão interminável e amor divino. O homem ficou tão encantado com a grandeza desse estado, que chegou ao ponto de se esquecer que havia sido criado do nada e se rendeu à tentação da desobediência. Ele queria se tornar Deus, não por meio do amor de Deus e em submissão ao mandamento divino, mas por meio de sua própria independência e rebeldia. E naquele momento, sua terrível queda aconteceu, como as Escrituras relatam, e isso foi um infortúnio universal.

A mente do homem então se ligava às coisas criadas e sua visão era obscurecida. Embora o seu levantar em direção a Deus tivesse sido rápido como um relâmpago, agora ele estava sobrecarregado das sensações de seu corpo. Seu coração foi privado da visita do Senhor e de tudo o que acompanha esta maravilhosa Presença. Ele foi transformado em pedra. Sua mente, gradualmente, perdeu a memória das experiências sobrenaturais da graça, sendo estas imateriais por natureza. Finalmente, ele estava ligado ao mundo visível, não mais capaz de ir além da realidade imediata em torno dele. Assim, o homem tornou-se esquecido de seu Criador, entregando-se ao pecado e aos seus salários de corrupção e morte.

Nesse estado doloroso de esquecimento de Deus, o homem sente um vazio que não pode ser satisfeito e uma insegurança torturante; ele saboreia a constrição da morte e sua alma é oprimida pelo tormento. As paixões se multiplicam, enchendo seu ser com todo tipo de vício, e habilmente extinguindo todos os traços da memória de Deus. O homem torna-se assim incapaz de amar, e isso inevitavelmente o leva a um afastamento cada vez maior de Deus e do próximo e, portanto, do propósito primordial de sua criação.

Separado de Deus, que é a fonte da vida, o homem só pode se retirar para dentro de si mesmo. Ele é privado da força divina e é incapaz de buscar a salvação. Aos poucos, ele fica desolado e dissoluto. Diante da ameaça inexorável de sua aniquilação, o espírito do homem é tomado pelo medo da morte. Ele adoece de egoísmo e entra em uma luta contenciosa pela sobrevivência pessoal.

Quando o homem expulsa Deus e seu próximo do seu coração, ele perde sua soberania sobre a criação de Deus, concedida a ele em virtude de sua semelhança com Deus. Em outras palavras, ele falha naquilo para o qual foi designado - supervisionar o mundo com justiça e, sendo ampliado pelo espírito de profecia, trazer toda a criação a Deus. Ele se acostuma a viver com um espírito amortecido, porque o poder hostil do maligno mantém sua natureza fixa.

No entanto, o chamado de Deus é irrevogável e "firme" (cf. Rom. 11:29). Além disso, a morte é um inimigo ilegítimo, pois a vontade de Deus, a base do surgimento original do homem, predestinou que o homem deve viver eternamente "na imortalidade" (Sabedoria 2:23). A morte deve, portanto, ser destruída (cf. 1 Coríntios 15:26), razão pela qual o próprio

Filho de Deus veio ao mundo para apagá-la e "destruir as obras do diabo" (1 João 3: 8). A mortalidade do homem é, portanto, um fenômeno que contraria sua natureza, na medida em que se opõe àquilo para o qual foi projetado. É precisamente por isso que a alma humana está inquieta: se a vida leva apenas à morte, então nada pode ser significativo.

Contudo, Deus, que permanece eterno e não tem prazer na morte do pecador, faz tudo o que pode para que "os ímpios" [possam] se convertam e viver" (Ez. 33:11). Ele convoca os dissolutos da cegueira de sua desolação, intensificando por Sua graça o cruel espetáculo da mortalidade, que entrou em toda a criação através da queda do homem no pecado. Deus aumenta a ameaça da morte, mantendo diante dos olhos do homem esse espetáculo terrível. Ele abre os olhos da alma para que ela possa ver a marca da corrupção e da mortalidade, em todas as coisas criadas. O homem então ouve o gemido de um universo que se entregou à vaidade da qual não há escapatória. É então concedido à alma a graça de perceber o escuro véu da morte, corrupção e desespero que envolvem a humanidade e toda a vida na terra. Esse fenômeno espiritual, desconhecido pela psicologia moderna, é chamado de "pensamento da morte" na terminologia ascética Ortodoxa. Não tem nada a ver com a consciência psicológica de que vamos morrer algum dia; é mais como um conhecimento profundo, acompanhado por uma sensibilidade maravilhosa do coração, que percebe claramente "a futilidade de toda e qualquer aquisição na terra",¹ e que "tudo é vaidade" (Ec 1: 2).

Essa sensibilidade é produzida pela graça da atenção plena à morte e, em sua forma mais aguda, toda a história e os eventos mundiais parecem uma miragem, uma zombaria perversa do homem, a verdadeira vida em Deus não tem parte neles, e o domínio da morte está em toda a parte. Mas quando o homem é iluminado e vê seu estado espiritual, ele também sabe que está privado da eternidade viva de Deus. Ele está convencido de que quando ele morrer, tudo o que sua consciência abraçou até então - mesmo Deus - deixará de existir. O homem tem um profundo senso de que ele foi feito para viver eternamente com seu Criador, e agora ele vê que a Vontade divina pré-eterna permanece sem ser cumprida.

A ameaça da morte, vista como o esquecimento perpétuo, no qual a luz da consciência é extinta, gera horror na alma e isso leva a um insuportável sofrimento interior. Mas, neste momento, o homem de repente acorda de seu antigo estupor, pois a eternidade de Deus o convoca de todos os lados. Ele ainda é incapaz de defrontar isto diretamente, e não há lugar adequado em si mesmo para receber isto. No entanto, seu espírito exige vida eterna e nada menos lhe pode dar descanso. Ele sofre profundamente, com uma intensidade que não pode ser suportada dentro dos limites da força humana. (Muitas pessoas têm essa experiência antes de se tornarem monges e monjas, e é por isso que elas sentem a vida monástica como uma urgência em seu espírito. Não é algo que elas consideram cuidadosamente e então decidam fazer; elas sentem que ou elas fazem isso, ou morrem). Mas, é então que a maravilha mais significativa da vida humana pode começar: o centro espiritual do homem, o coração, é revelado.

A visão perturbadora e abrasadora da ausência de Deus na criação, agora destaca a atenção da mente de todas as coisas criadas e das ambições terrenas, e a chama de volta para si mesma, isto é, para o coração. A atenção plena à morte é evidentemente mais forte que qualquer apego apaixonado, e a mente agora está livre para descer ao coração e se unir a ele. Esta descoberta do coração é o começo da salvação do homem.

Quando esta graça maravilhosa da lembrança da morte toma posse no coração profundo, atrai a mente para ela, e os pensamentos correspondentes a essa experiência poderosa e impressionante nascem "de dentro". Tais pensamentos são expressos da seguinte forma: "Tudo o que sei, tudo que amo, tudo que me dá vida e me inspira - absolutamente

¹ Arquimandrita Sofrônio (Sakharov), *We Shall See Him As He Is*, trans. Rosemary Edmonds (Tolleshunt Knights, Essex: Patriarchal Stavropegic Monastery of St. John the Baptist, 1988; repr. ed. St. Herman of Alaska Brotherhood, 2006), p. 106.

tudo, até o próprio Deus - morrerá se eu deixar de existir".² Da mesma forma: "Em mim, comigo, tudo o que faz parte da minha consciência morrerá: pessoas próximas a mim, seus sofrimentos e amor, todo o progresso histórico, o universo em geral, o sol, as estrelas, o espaço infinito; até o próprio Criador do mundo - Ele também morrerá em mim. Em suma, toda a vida será envolvida nas trevas do esquecimento."³ Acima de tudo, o homem recebe então a compreensão da futilidade e da vaidade de todas as coisas criadas, quando estão longe da graça de Deus. Simultaneamente, ele recebe um profundo senso de sua desolação interior - o abismo que o separa de Deus.

Ambas as revelações são operações da graça e são extremamente benéficas na medida em que tornam o homem consciente de sua absoluta necessidade de salvação. A primeira, a sensação de futilidade, é acompanhada de abençoado desespero, "desespero carismático", como o Ancião Sofrónio costumava dizer, e isso liberta a mente de seus apegos às coisas criadas, nas quais ela tende a chafurdar. A segunda revelação, a sensação de seu estado decaído, inspira sua alma com um temor sagrado da perdição eterna. A eternidade emerge então em seu aspeto negativo: o homem pode ter encontrado Deus, mas ele ainda é privado da vida n'Ele. Esses sentimentos estranhos e fortes, de desespero e medo, têm o efeito salutar de humilhar seu espírito e atrair a atenção da mente para o coração, o lugar onde a verdade de Deus e a distração do homem são reveladas. O homem pode agora escolher viver de acordo com a vontade de Deus. Além de seu novo e humilde temor a Deus, o homem também entra em uma medida de autoconhecimento. Se ele agora abraça a revelação do Evangelho de Cristo como verdadeiro Ser, como Aquele que É, como o Eterno Vencedor sobre a morte e a Fonte da Vida, ele atrai a graça do Espírito Santo, que une a mente ao coração, restaurando a unidade das faculdades de sua alma.

Essa unificação das faculdades da alma é o primeiro estágio na cura de um homem, pois ele pode finalmente se voltar para Deus em oração, ter certeza de que os sofrimentos de seu espírito serão resolvidos favoravelmente e que, entretanto, Deus tem o poder de consolá-lo.

Mas, além de sua própria tragédia, Deus "instrui" o homem, através da atenção plena à morte, no aspeto universal da queda. Ele começa a ver que seus sofrimentos são idênticos aos sofrimentos de toda a humanidade. O estado de sua desolação interior reflete a criação caída como um todo. Ele vê, embora de uma forma negativa, que ele está no centro de toda a criação, que não declara nada além de infinita vaidade. Porque ele agora sabe que o seu ser não está limitado ao seu "eu", ele começa a amar, e este é o prelúdio para a sua regeneração final. Ele agora recebe força, pela graça de Deus, para interceder pela salvação de todo o mundo, o que o leva à autêntica contemplação espiritual do céu e da terra, declarando a glória de Deus e a salvação do homem.

O pensamento da morte é, portanto, um dom de Deus que auxilia o homem a encontrar o seu coração, que é o começo da cura de sua pessoa, cujo propósito é trabalhar pela restauração da verdadeira comunhão em toda a raça de Adão. O paradoxo é este: que o pensamento da morte liberta o homem do medo da morte e o leva a ver todas as coisas do ponto de vista do amor de Deus. Onde a morte foi uma consequência do pecado, agora é o Evangelho da Vida, pois faz com que a eternidade ocupe seu lugar acima de todas as coisas terrenas, de uma maneira tão absoluta e definida, que mesmo que o inimigo ofereça séculos de felicidade terrena e sucesso, o crente agora prefere as marcas da Cruz através das quais a verdadeira alegria e a salvação eterna vêm ao mundo.

O pensamento da morte revela a eternidade divina, mas apenas em seu aspeto negativo. Essa percepção não é, contudo, psicológica, mas espiritual, e o conhecimento que ela

² Idem, *On Prayer*, trans. Rosemary Edmonds (Tolleshunt Knights, Essex: Patriarchal Stavropegic Monastery of St. John the Baptist, 1996; repr. ed. St. Vladimir's Seminary Press, 1998), p. 41.

³ Op. cit., p. 12.

proporciona também é espiritual, pois simultaneamente leva o homem à dupla visão de toda a verdade sobre si mesmo e sua pecaminosidade. O coração se torna um campo de batalha bidimensional: por um lado, o homem tem a certeza da existência do Deus Uno e verdadeiro e do Seu poder de salvar, e por outro, ele desperta para um terrível conhecimento do seu nada, e um indescritível medo da própria possibilidade de perdição eterna.

Acima de tudo, esta revelação da eternidade, mesmo em seu aspeto negativo, é um encontro entre o homem e o Deus vivo. Até certo ponto, ele se aproxima do fim dos tempos. Embora ele sinta que sua própria morte, por causa de seu parentesco com toda a criação, ameaça aniquilar toda a vida, ao mesmo tempo, ele aceita a convocação para se elevar a uma forma infinitamente mais elevada de existência.⁴ Como ele permanece em memória de morte, o homem percebe em espírito o inferno da ausência de Deus. Em seu desesperado desejo de resolver esta situação, ele descobre que deve se desligar de todo envolvimento apaixonado com o mundo visível, e então se lança a Deus de uma maneira que supera as paixões e, de fato, o próprio instinto de sobrevivência temporal. A auto - negação desse tipo, inspirada pela atenção plena à morte, cria o melhor ambiente possível para a oração ardente regenerar o homem inteiro, unindo seu espírito ao Deus eterno.

No entanto, um efeito ainda mais surpreendente da atenção plena à morte é uma consciência intensificada da singularidade da pessoa humana. Quando o homem identifica sua própria morte pessoal, com a aniquilação de toda a vida e experiência que sua consciência abraçou até agora, como o fim da história do mundo, bem como o relacionamento de Deus com Sua criação, então, o fato de ele ter sido feito à imagem de Deus, e de seu propósito ser o centro de toda a criação de Deus, é confirmado sem dúvida. Embora a dor de tal experiência tenha um caráter bastante negativo, ela une o homem, indissolavelmente, com o destino de seus companheiros que são um com ele por natureza, e gera nele uma profunda compaixão por eles, pois sua salvação agora depende da deles. Essa percepção espiritual traz o coração do homem à vida e o restaura à comunhão com toda a raça de Adão. Quando sua iluminação interior alcança uma certa plenitude, e seu coração é aumentado e fortalecido pela graça divina, então a experiência positiva do amor o transforma, pois ele é agora capaz de abraçar toda a criação e oferecê-la a Deus em oração fervorosa. Então ele é guiado "para toda a verdade" (João 16:13) do amor de Deus, e se torna digno de se tornar uma pessoa verdadeira à semelhança do Novo Adão - Cristo - em cuja Pessoa "todas as coisas... no céu e na terra" (Efésios 1:10) estão reunidas em um.

A morte entrou na vida do homem como uma maldição e cresceu como uma erva daninha por causa do pecado. Cristo, no entanto, por sua morte sem pecado e injusta, transformou a maldição em uma bênção, e ofereceu ao homem uma nova vida em abundância (cf. João 10:10). A atenção plena da morte apresenta ao homem a maior maravilha que esse mundo mortal já conheceu. Ele revela nosso próprio inferno, nos declara e nos convida a participar da vida eterna. Quem ouve e crê, recebe aquela graça que reacende seu coração e o traz de volta à vida. Este despertar do coração é o primeiro passo para a terra abençoada da salvação eterna.

⁴ Ibid., pp. 12, 15.

CAPÍTULO 2 A HORA DA MORTE

São Silvano, o Atonita, diz: "Não murmureis, ó filhos de Deus, porque achais a vida difícil. Apenas lutem contra o pecado..."⁵ e verdadeiramente nossa vida é dura, porque buscamos um meio de redimi-la da maldição da morte.

Nossa permanência nesta terra é um tempo dado para aprendermos a morrer, mas, infelizmente, nada do que nos é ensinado nesta vida nos permite lidar com o fim. Nossa geração aprendeu a confiar em seu próprio intelecto, em seu próprio julgamento, e isso dificulta nosso treinamento para o momento da morte - o momento em que todos os nossos poderes nos abandonarão. Até mesmo nossa mente maravilhosa, na qual colocamos toda a nossa confiança, nos abandonará. Existirá algo que poderá nos ajudar a enfrentar, sem medo, a hora da nossa morte - quando ficaremos destituídos e fora do alcance da ajuda humana? Pode alguém aprender a morrer?

Nós provamos a morte toda a vez que algo nos aflige, ameaça nossa vida, ou nos esmaga. Tais tristezas e dificuldades são boas oportunidades para adquirir uma atitude correta em relação à morte. A morte é um facto da vida, mas a maneira como morreremos é menos importante do que o modo como nos aproximamos dela.

Num dos seus livros, o padre Sofrónio conta a seguinte história: em Paris, onde morou por algum tempo, conheceu duas jovens irmãs. Uma era uma médica muito inteligente, enquanto a outra era mais simples, uma enfermeira de profissão. As duas mulheres, que tinham quase a mesma idade, casaram-se ao mesmo tempo e também engravidaram na mesma época. Naquele tempo, era costume as gestantes assistirem às aulas de parto sem dor, e as duas futuras mães o faziam. Aquela que era médica conhecia anatomia e rapidamente entendeu o assunto. Depois de algumas lições, ela disse: "Isso é o suficiente; Eu entendi tudo e não preciso de continuar." A outra irmã seguiu o curso até o fim. Chegou a hora de ambas darem à luz. Desde as primeiras dores de parto, a que era médica entrou em pânico. Ela esqueceu tudo sobre anatomia e tudo o que aprendeu, e o nascimento de seu filho foi complicado e doloroso. Sua irmã, por outro lado, não confiava em sua própria inteligência, mas lembrou-se do que aprendera nas aulas, colocou em prática e deu à luz com relativa facilidade. A conclusão que podemos tirar da história é óbvia.

Nossa morte é o nosso nascimento para a vida eterna. Nossos esforços em aprender como orar, como nos humilhar e como ter confiança não em nós mesmos, mas no Deus vivo, têm apenas um objetivo: nos treinar para o grande dia da nossa morte. E em que Deus aprendemos a depositar a nossa confiança? "Em Deus, que ressuscita os mortos" (2 Coríntios 1: 9). N'Ele está tudo que queremos saber e é n'Ele em quem confiaremos quando chegar a hora, quando nossos poderes corporais tiverem falhado, quando estivermos além da ajuda humana. A única coisa que nos ajudará, então, será a atitude de espírito que cultivamos, pela qual não mais confiaremos em nós mesmos, mas somente em Cristo, que morreu e ressuscitou, que é, portanto, capaz de ressuscitar os mortos, pois Nele a morte não tem mais domínio" (Rm 6: 9).

Nós morreremos e eis que viveremos novamente em Jesus Cristo. Esta vida transitória que nos foi dada é de grande importância: é a nossa única oportunidade de lutar e de nos preparar-mos para o grande e santo momento do nosso encontro com Deus - o dia do nosso verdadeiro nascimento, no reino celestial que é inabalável (cf. Hb. 12:28). Nossa entrada na eternidade é o nosso aniversário, e se quisermos celebrar honrosamente nosso aniversário celestial e participar do festival dos recém-nascidos no céu, quando a refeição da noite acabar,

⁵ São Silvano, op. cit., p. 345.

vamos nos enterrar em nosso quarto, em vez de ficarmos sentados conversando agradavelmente. Em vez disso, permaneçamos diante de Deus, de acordo com a nossa força, atentos à temerosa hora da nossa morte, e digamos: 'Senhor, na hora da minha morte estarei desamparado e incapaz de orar, e por isso peço a Ti, lembra-te mim. Agora, enquanto sou capaz, suplico a Tua ajuda naquela hora. Sê misericordioso, ó bom Senhor, e nessa terrível hora em que a minha força falhará e eu não poderei mais clamar a Ti, quando nem o anjo nem o homem puderem estender uma mão auxiliar a mim, Vem tu mesmo em meu auxílio e concede-me a indescritível alegria da Tua salvação.' Assim, antecipamos o momento de nossa morte em oração.

Esta oração permanecerá no Senhor, e o Senhor, que é sempre fiel e não nos abandona, considerará a nossa oração. Este é um ótimo e bom exercício para aprender a morrer. Pois é com tais pensamentos, que nos últimos momentos de nossa vida, enquanto nossa alma se afasta de nosso corpo e toda a nossa força é gasta, que nós, monges e leigos, devemos estar diante do Senhor e implorar a Ele, tanto quanto somos capazes.

Algo semelhante ocorre toda vez que suprimimos nossa vontade - porque a nossa própria vontade é-nos prejudicial. Assim, aprendemos a depositar a nossa confiança no Seu Nome, em quem a salvação nos foi concedida, e não em nossa própria razão ou habilidade. Este, de fato, é um exercício muito valioso, pois ensina-nos a morrer antes de morrermos, de modo que quando finalmente a morte chegar, seremos capazes de olhar para ela, não com medo e confusão, mas como um amigo querido, um parente distante que agora nos libertará das aflições e do tédio desta vida, para que possamos adentrar plenamente na vida eterna - aquela forma de existência que é mais verdadeira e melhor do que qualquer coisa que já tenhamos conhecido.

Muitos temem a morte. Algumas pessoas até nos proibem de falar sobre Deus e sobre a morte em sua presença. Isso é algo doloroso, pois essas pessoas temem a morte porque não estão dispostas a ponderar sobre o único Deus verdadeiro. Eles inventam suas próprias religiões (já que precisam de ter algo para se apoiar) e criam suportes ilusórios. Mas, suas falsas religiões não podem salvar. Há apenas uma religião verdadeira no mundo, que é o Cristianismo, que não é invenção dos cristãos, mas foi dado à humanidade como revelação do Alto. A cabeça desta religião é Cristo, o Filho de Deus que se fez homem, morreu por nós e ressuscitou, levando com Ele todos aqueles que estão unidos com o Seu Espírito, que creem na Sua palavra e que levam o Seu Santo Nome.

A morte não tem misericórdia daqueles que a temem e se escondem dela. Mas a morte foge daqueles que a perseguem destemidamente e permanecem diante dela, lembrando-se de Deus e invocando-O, implorando a Ele para estar com eles nessa hora, para que quando, finalmente, o momento da morte se aproximar, venha pacificamente e sem dor.

Esse medo da morte é um fenômeno terrível. No nosso serviço, como sacerdotes, observamos que todos aqueles que aceitaram a palavra de Deus aproximam-se da morte com fé, e seu fim é maravilhoso e glorioso, embora possam estar sofrendo de uma doença mortal. Podemos dizer que eles encontraram aquilo pelo qual pedimos ao Senhor em nossas orações e nos hinos da Igreja, a saber, Sua graça e Sua grande misericórdia.

O nosso treino será bem-sucedido se aceitarmos a hora de nossa morte como o momento mais santo de nossa vida, tendo este momento permanecido incessantemente em nossa mente, tendo preparado nossa defesa antecipadamente, para que a nossa proteção nesse grande dia pudesse ser assegurada antecipadamente. Todo aquele que ora a Deus diariamente, com fervor de coração e com lágrimas, pedindo que Ele esteja ao seu lado na hora de sua morte, terá o retorno de todas as suas orações, como grande bênção e alegria, naquele exato momento. E as palavras "Entra na alegria do teu Senhor" (Mateus 25:21), serão cumpridas nele.

As escrituras não nos dizem muito sobre a vida após a morte. Como seres humanos, tendemos a recorrer à nossa imaginação. O Santo Apóstolo Paulo diz que o Senhor virá novamente, e que no dia da Sua gloriosa Segunda Vinda, seremos levantados às nuvens para nos encontrarmos com Ele. E quando esperamos que São Paulo fale mais sobre esse dia, ele termina abruptamente: "E assim estaremos sempre com o Senhor" (1 Tessalonicenses 4:17). Para nós, alegria, vida e paraíso são estar com Cristo. Ele é nossa luz e nossa paz.

A oração é a melhor preparação para o momento da morte, porque, através dela, estamos na presença do Senhor, mesmo nesta vida. Tentamos manter nosso espírito em Sua presença, chamando o Nome de Jesus com humildade e atenção, e sabendo que Sua presença é dinâmica. Mas, muitas vezes acontece que clamamos ao Senhor, desejando entrar em Sua presença, apenas para nos acharmos incapazes de fazê-lo; é como se estivéssemos batendo no ar. Então percebemos que a culpa está em nossa atitude e que estamos chamando o Seu Nome de uma maneira indigna. Devemos, então, curvar nossa cabeça e inclinar nossa mente ainda mais, dizendo: "Senhor, pequei contra Ti, mesmo quando invoco o Teu Nome. Ensina-me a tua humildade! Concede, ó Senhor, dar-me uma mente perceptiva para que eu dignamente invoque o Teu Santo Nome!" E então nós começamos a sentir que, quanto mais humilhamos o nosso espírito diante do Senhor, maior o poder da oração que nos é dada do alto. Assim, a hora da oração torna-se um exercício de como entrar na presença do Senhor, como estar diante D'Ele, e aprender que o nosso permanecer com Ele deve ser forte, ativo e luminoso.

Não deixemos de humilhar nosso espírito. Se adquirirmos este hábito abençoado, muitas das nossas falhas serão corrigidas. Por exemplo, pode-se pensar que entristecemos nosso irmão e sabemos que, para agradar a Deus e permanecer em Sua presença, devemos nos reconciliar com a pessoa que ofendemos. Para entrar no Paraíso, é preciso ter um coração tão largo quanto o céu, um coração que abraça todos os homens. Se um coração excluir uma pessoa- mesmo que apenas uma- ele não será aceite pelo Senhor, porque Ele não poderá habitar nele. Oração, como o padre Sofrónio diz, é uma criação sem fim; é uma escola que nos ensina a permanecer na presença do Senhor. Esse esforço para permanecer com o Senhor é um exercício que finalmente supera a morte, e é por isso que nossa oração não deve ser nem superficial, nem mecânica. Devemos unir mente e coração, para aprender a verdadeira oração mental, em outras palavras, devemos orar com todo o nosso ser interior, com toda a nossa mente e coração. Como Deus pode dar ouvidos às nossas orações, se não concordarmos com as palavras que estamos dizendo? E como podemos concordar com as palavras, quando não prestamos atenção ao seu significado? Se queremos que Deus acolha nosso pedido, primeiro precisamos estar totalmente presentes nas palavras que oferecemos a Ele. É bom que nossa mente esteja entronizada em nosso coração e, ao oferecer nossos pensamentos ao Senhor, nossas palavras serão sentidas no coração e, portanto, pronunciadas com atenção, uma a uma. Estou certo de que, se resolvermos orar assim, então Deus será nosso Mestre. Como o próprio Senhor diz: "Todos serão ensinados por Deus" (João 6:45). O próprio Senhor nos educará, concedendo-nos a sensibilidade de Sua presença em nossos corações. E fazendo tudo o que podemos para preservar a Sua presença dentro de nós, logo aprenderemos quais pensamentos aceitar e quais rejeitar.

A oração é uma escola e a humildade é a chave para o sucesso nesta disciplina. Mas é útil conhecer nossa medida, de modo a não nos aproximarmos de Deus num espírito de audácia, tendo em mente o facto de que somos essencialmente nada diante do Senhor. Somos seres criados, caídos, falsos e feridos pelo pecado. Como tal, só podemos estar diante de Deus com temor: não há espaço para ousadia ou arrogância. Se estivermos em oração, em humilde inclinação de coração e espírito, devemos pedir ao Senhor as coisas que são apropriadas à nossa pobreza. Peçamos sinceramente o perdão dos nossos pecados, a eliminação da nossa

ignorância e outras coisas tão humildes quanto. Nosso espírito será assim preservado pela humildade de nossos pedidos, e Deus concederá o sentido de Sua presença, mais abundantemente, sobre nós.

Sejamos humildes. Tenhamos a certeza de nosso nada diante de Deus, sabendo que a única coisa que nos torna verdadeiramente humanos é o fôlego que o nosso Deus e Criador soprou em nós. Em todos os outros aspetos, somos terra e a terra é pisada. Algumas das orações da Igreja enfatizam a humildade do corpo, e, de fato, o corpo deve ser para nós uma fonte de humildade, na medida em que é criado da terra e, portanto, retornará à terra. O que nos torna verdadeiramente preciosos é o sopro de Deus, recebido por nós no momento de nossa criação e em nossa recriação no santo batismo. Esse sopro é o que nos faz a imagem e semelhança de Deus. Tenhamos em mente esse humilde pensamento de que nada somos, e deixemos de ser cheios de nós mesmos, isto é, de nos enchermos de vaidade, e então haverá espaço em nós para Deus. Esse senso de que nada somos, produz as condições certas para permanecermos na presença de Deus. E quanto mais nos esvaziamos de nós mesmos, isto é, quanto mais nos humilhamos diante de Deus, mais Ele preenche nossos corações com Sua graça divina.

Vamos tentar criar o hábito de negar a nós mesmos. Não precisamos nos preocupar com a pequenez do nosso sacrifício. Nós vemos que a cada pequeno sacrifício que fazemos por causa de Deus e do nosso irmão, Deus multiplica a Sua graça sobre nós. Mas nós tendemos a nos amar a nós mesmos, preferindo o nosso próprio conforto, ao invés de sacrificar algo a Deus, ou oferecer algo ao nosso irmão. Mas abençoado é aquele que se nega a si mesmo, pois o próprio Senhor, quando Ele chamou Seus discípulos para segui-Lo, exigiu que eles negassem a si mesmos (cf. Mt 16.24). Resumindo, a humildade e a abnegação tornam-se os alicerces firmes dentro de nós, sobre os quais o próprio Deus constrói o templo do Seu Espírito.

Quando jovens, raramente pensamos na morte. Mais tarde, podemos ponderar isso de maneira intelectual e abstrata, mas à medida que os anos se multiplicam e os problemas da velhice começam, observamos os sinais de alerta desse grande evento, porque eles afetam nossa vida diária de uma maneira tangível. Em Sua bondade, o Senhor projetou a nossa vida para que pudéssemos voltar a nossos sentidos e estar preparados para a morte quando a nossa hora chegar.

"Esteja comigo, ó Senhor, naquela hora terrível e conceda-me a alegria da salvação", diz o padre Sofrônio em sua Oração ao alvorecer.⁶ Em outras palavras, "Dá-me, ó Senhor, naquela hora sagrada, a alegria e o prazer de Tua salvação, de meu verdadeiro nascimento em Teu reino". Está é a oração da manhã feita pelo ancião Sofrônio; Assim foi a aproximação de sua última hora, sempre em sua mente, desde os primeiros momentos de todos os dias. Assim, podemos também ensaiar a hora de nossa morte, para que quando ela finalmente chegar, possamos vivê-la de uma maneira verdadeiramente alegre. De fato, cultivar uma disposição desse tipo em nossa oração é o melhor dos exercícios espirituais: se aprendermos a morrer antes que a morte venha a nós, então, quando a hora de nossa morte estiver próxima, não morreremos, mas viveremos eternamente com Deus.

Há muitas maneiras de conectar o nosso presente com o nosso último dia aqui na terra, mas precisamos de inspiração para fazê-lo. Nós tendemos a tomar tudo como garantido em nossa vida diária, porque nossa natureza está inclinada às coisas terrenas. Infelizmente, isso significa que nos acostumamos até mesmo à Santa Comunhão e, de fato, a todas as bênçãos de Deus. Mas o dia da nossa partida para o outro mundo é a única coisa que nunca poderemos nos acostumar. Tudo o que podemos dizer sobre isso é que 'ainda está por vir', e

⁶ Idem, "His Life is Mine", trans. R. Edmonds (Crestwood, NY: St. Vladimir's Seminary Press, 1977), p. 54; e "On Prayer," op. cit., p. 182.

seremos constantemente inspirados se, o que fizermos, fizermos com o último dia em mente. Por exemplo, quando nós participamos dos Santos Mistérios, podemos dizer, 'Eu Te agradeço, Senhor, pois Tu me permitiste mais uma vez participar de Teu Corpo e Teu Sangue, mas concede que eu possa ser digno naquele dia: o último dia da minha estada nesta terra.' Para ser exato, cada vez que participamos do Santíssimo Sacramento, deve ser como se fosse a primeira e última vez que o fazemos: como a primeira vez, porque sabemos que não estamos completamente reconciliados com Deus; e como a última, porque nós vivemos na esperança de passar por nossa própria Páscoa dentro da Vida, a Páscoa eterna.

Devemos, portanto, relacionar cada momento de nossa vida àquele último dia, que é nosso aniversário nesse novo e eterno mundo.

Na Vida dos Santos, lemos como Deus ajuda grandemente Seus servos, particularmente naqueles momentos em que eles se entregam em Suas mãos até à morte. Assim como eles alcançam o último "Ámen", que está dentro de suas forças, Deus pode dar início ao "Abençoado seja" do Seu poder, e estender a mão para ajudá-los. Similarmente, assim como começamos a pensar que toda a esperança está perdida, os céus se abrem, pois nos estendemos ao limite de nossa própria justiça, de modo que a grande Justiça de Deus, que não é nada além de Seu amor infinito, possa Agora vir para nos salvar.

O homem de Deus e sofredor, Job, entregou-se completamente aos seus sofrimentos, confiando no Senhor e tentando compreender os Seus justos juízos, e foi então que Deus se revelou a ele. Jó então entendeu e abençoou a Deus, desprezando sua própria justiça como algo pobre e falso. Além disso, ele disse a Deus, "Ai! que eu não te conhecia de antemão, ai! que eu não sofri coisas maiores por Ti" (cf. Job 42: 3-6), porque ele percebeu que a glória que se segue é análoga à morte, diante da qual o homem de Deus se entrega.

O mesmo fenómeno é observado na vida do Santo Apóstolo Paulo, que diz que sofreu mil mortes pelo Evangelho de Cristo. Ele descreve um desses eventos, ocorrido na cidade de Listra, onde os pagãos, incitados pelos judeus, o espancaram severamente, depois o arrastaram quase morto para fora da cidade; mas, Deus o salvou. Mais tarde, ele menciona esse evento em sua epístola aos Coríntios, acrescentando que eles chegaram ao ponto de perderem a esperança na vida: 'Fomos pressionados, acima de nossas forças, tanto que nos perdemos a esperança até na vida: Tivemos sobre nós a sentença de morte, para que não confiássemos em nós mesmos, mas em Deus, que ressuscita os mortos.' (2 Coríntios 1: 8-9). Depois desta lição, o grande Paulo nunca quis gabar-se de nada - nem mesmo nas impressionantes e grandes revelações que lhe foram concedidas, pois ele conhecia o perigo do orgulho - mas apenas nas tristezas e mortes que suportou pelo Evangelho. Ele sabia que o Deus dos cristãos é engrandecido na fraqueza dos fiéis, e que a vida do Deus dos cristãos é triunfante na tristeza, fraqueza e tribulação.

"A minha força é aperfeiçoada na fraqueza" (2 Coríntios 12: 9). Estas foram as palavras de Cristo a São Paulo, quando o apóstolo, que era apenas humano, suplicou a Ele que fosse libertado de uma provação que o levara à beira do desespero. Ele diz que rezou três vezes para que o Senhor o poupasse, implicando que ele se entregou às vigílias e jejuns, orando para que ouvisse a voz do Senhor, ou fosse curado. Cristo não lhe concedeu cura, mas falou com ele, dizendo que a Sua graça era suficiente para ele, que Sua força foi aperfeiçoada na sua doença. Esta doença manteve-o humilde para que o poder de Deus habitasse nele.

O Apóstolo dos gentios se entregou à morte diariamente por causa de Cristo. Ele próprio disse: Como está escrito: "Por amor de ti enfrentamos a morte todos os dias; somos considerados como ovelhas destinadas ao matadouro"(Rm 8:36). Ele suportou mil mortes diárias, porque essa era a única maneira de guardar um coração apostólico, um coração cheio do Espírito Santo, para que pudesse pregar ao mundo inteiro.

Como pode a graça de um coração Apostólico ser preservada? Em um de seus livros, padre Sofrónio diz que é impossível viver como cristão; só podemos morrer como cristãos, o que significa que uma pessoa que cuida de sua própria vida, de seu próprio conforto, não pode viver uma vida cristã.⁷ Em outras palavras, se estivermos sempre atentos à morte, estaremos prontos a nos entregar, em completa auto - negação, a qualquer tipo de morte por causa do Senhor, atraímos a Sua graça e testemunhamos a miraculosa intervenção de Deus a todo momento.

Infelizmente, não temos esta auto - negação, que gera tamanha grandeza no coração apostólico, que o Espírito Santo constrói no crente quando Ele " desce e nos renova", como cantamos durante as Matinas no Pentecostes.

Mas sejamos corajosos, consolando-nos uns aos outros com genuína consolação da verdade de Deus, e recusemos o conforto de qualquer coisa menos que isso. É difícil oferecer um conforto verdadeiro para alguém que está enfrentando uma doença terminal; mas, para aqueles que podem suportar uma palavra honesta, nós dizemos: 'Prepare-se para o seu encontro com o Senhor!' Nem a vida nem a morte podem ser mais fortes do que a graça que Deus dá àqueles que se preparam para a hora da morte, o grande momento de seu encontro com o Criador.

São Paulo diz que Deus nunca nos permite ser tentados além de nossas forças (cf. 1Cor 10,13). Podemos estar sofrendo de alguma doença e orando a Deus por cura. Mas se o nosso pedido não for concedido, saibamos que Deus pode dar tal graça e poder, que nos permitirá elevar-nos acima de nossa doença e, através dela, sentir a alegria da presença e do poder de Deus em nossos corações, que é nossa vitória sobre a morte. (Recentemente eu li o Livro dos Atos e um verso ficou na minha mente. São Pedro estava indo ao templo para orar, quando um aleijado se aproximou dele para pedir esmola. O Apóstolo disse a ele: 'Prata e ouro não tenho nenhum; mas, tal como tenho, eu te dou: Em nome de Jesus Cristo, de Nazaré, levanta-te e anda '(Atos 3: 6). Ou seja,' não tenho riquezas terrenas, mas aquilo que tenho para dar.' Como é maravilhoso não ter mais nada além de Cristo!

Perguntas e respostas

Pergunta 1: Estamos nessa jornada da vida e sabemos que há um fim, e como sacerdotes, estamos constantemente atentos a ela, com as vestes que carregamos, mas há algum conselho específico que você possa nos dar para ajudar os leigos a compreender ou fazê-los se concentrar em suas atividades diárias para esse fim?

Resposta 1: O sacerdócio é uma tarefa difícil, e é uma maravilha ver um padre morrendo no mesmo estado de inspiração em que ele começou. Normalmente, os padres morrem em estado de menor graça, porque todo o seu ministério é levar sobre si a morte do seu povo. O que quer que um padre reúna quando está sozinho diante de Deus, ele espalha para as pessoas quando está com elas. Ele toma sobre si sua morte e lhes dá sua vida, a vida que ele recebe de Deus. Mas, como vamos fazer isso? Quando inspiramos o povo a amar a salvação de Deus e a lutar contra o pecado, quando damos a eles uma palavra que vem do reino eterno, e quando seus corações recebem essa palavra, ela provoca neles o desejo de vida eterna. De fato, tudo o que fazemos é feito na esperança de regenerar as pessoas. Costumo dizer aos fiéis que vêm ao nosso mosteiro aos domingos: "Não sobrecarregue desnecessariamente o padre com as trivialidades desta vida. Vá até eles e peça uma palavra para a sua salvação e esteja muito atento ao que eles dizem, porque então você os fará profetas, e sua vida será enriquecida. "Eu não tenho uma receita para isso. Lembro-me de

⁷ Cf. São Silvano, op. cit., p. 241

uma vez, um pai espiritual do Chipre veio ao nosso mosteiro e disse-me: "Eu fui feito um pai espiritual, mas não sei como lidar com o povo. Você pode me dar algum conselho?" Eu disse a ele: "Não há receitas para este ministério. Quando você se torna um pai espiritual, é como se tivesse sido lançado no oceano. Você tem que nadar e chegar à terra." Ou seja, você tem que chorar continuamente a Deus e esperar pelo melhor. Eu sempre sinto piedade pelos sacerdotes, porque sei o quão difícil é este ministério. Somos sacerdotes, em outras palavras, somos participantes do Sacerdócio de Cristo, e se todas as reprovações, todas as trevas, todo o mal cair sobre Cristo, ameaçando aniquilar Sua vida, se isso fosse possível, como o Profeta disse, o mesmo acontece a todo sacerdote que participa do Sacerdócio de Cristo. Isto significa que o sacerdote tem que assumir o sofrimento e as dificuldades de seu povo, e trazer-lhes consolo do alto, dando asas à sua esperança. Não há receita, apenas essa atitude de querer ajudar, promover Cristo em suas vidas, que Cristo seja magnificado em suas vidas. E tenho a certeza de que há uma grande recompensa para o sacerdote, cujo ministério é realizado com temor, porque ele é o recetor de todo mal e os ataques do inimigo, finalmente, se concentram nele. É por isso que é uma maravilha não se contentar com a realidade deste nosso tempo, e não abandonar a inspiração e a esperança que tivemos quando iniciámos o nosso ministério. Todos nós começamos com grande fervor, e não devemos deixar que a vida do coração desapareça, ou então nossa esperança será roubada de nós. Nós devemos antes ser como Simeão, o Justo, que esperou firmemente até o último momento para receber Cristo em seus braços, e então disse, "Senhor, agora que o teu servo parta em paz" (Lucas 2:29).

Pergunta 2: Você falou brevemente sobre a oração, dizendo que nunca devemos dizer as nossas orações mecanicamente, que devemos descer com nossas mentes para o coração. Mas nós que estamos no mundo, com nossa agenda lotada e vida diária, nos encontramos muito cansados no final do dia. Minha experiência pessoal é que quero dizer todas as Completas antes de ir para a cama, mas às vezes estou tão cansado que escolho algumas orações das Completas e tento fazer o que você nos aconselhou; mas, às vezes eu sinto que preciso rezar tudo e luto por isso, às vezes apanho-me apenas dizendo as palavras. Então, o que você aconselharia? Existe uma maneira melhor? Em algum lugar o Ancião Epifânio diz que o diabo está sempre tentando nos impedir de orar. Ele voltava para casa depois de seu longo dia de ministério, e lutava com as orações, chegando a dizê-las mecanicamente porque queria dizê-las. E apenas uma última pergunta que está relacionada com isso: Quando dizemos "Senhor tenha misericórdia" quarenta vezes... Muitas vezes, ouço nas igrejas e mosteiros "Kyrie eléison! Kyrie eléison! Kyrie eléison..." O que você sugere?

Resposta 2: Todos nós sentimos isso, e especialmente nas noites de domingo. Domingo é um dia muito pesado para o padre. Acho que todos nós tendemos a ter esse problema de orar mecanicamente, sem muito coração. Uma coisa que ajuda é a perseverança, porque a quantidade lentamente, lentamente, traz qualidade na oração. Quanto a mim, quando não posso orar, paro e digo: "Senhor, Tu vês a minha miséria. . . 'E eu repreendo-me até que a censura traz vergonha ao meu coração e sinto que ele começa a participar um pouco. Então, continuo e faço o melhor por pouco tempo, depois me repreendo novamente. Aqui está algo para fazer quando você não pode orar: pare e confesse isso a Deus, e se repreenda diante Dele com vergonha, porque a vergonha faz o coração participar. Quando estou assim, não penso na quantidade. Eu apenas trago minha mente para o meu coração e tento falar com Deus de lá, em minhas próprias palavras, até que haja alguma participação do coração. E então é mais fácil continuar. Houve um monge que costumava dizer que quem quer ser salvo está sempre 'maquinando'. Nosso relacionamento com Deus é uma coisa tão

incrível e criativa! Muitas vezes acontece que somos inspirados por uma coisa ou outra, que nos revive à medida que nos colocamos diante d'Ele.

Pergunta 3: Um dos prisioneiros com quem trabalho, ao lidar com os quarenta 'Senhor, tenha misericórdia', disse que isso o ajudou imensamente, quando percebeu que estava dizendo 'Senhor, tenha misericórdia' por todos aqueles que estavam deixando de dizê-lo por si mesmos. Ele disse que isso trouxe um novo significado ao dizer esta oração e que agora ele não pode mais apenas "rasgar" quarenta "Senhor, tenha misericórdia", mas ele os diz com o coração. Mas a pergunta que quero fazer trata dos homens que estão na prisão que não temem a morte. Sua vida tem sido causar a morte ou ver a morte ao seu redor, e muitos deles até mesmo me disseram: "Sabe, eu não tenho absolutamente nenhum medo da morte!" Você tem alguma palavra que possa levá-los a pensar no dia da sua morte?

Resposta 3: Dissemos que a morte se torna um Evangelho da vida quando nos confrontamos apropriadamente com ela. Em geral, todo contato com a eternidade tem um dos dois efeitos. Se o homem tem a atitude certa, ele se beneficia; se ele tem a atitude errada, ele fica completamente perdido. Por exemplo, leio na Filocalia que quando o sol brilha, tudo aquece: quando o sol aquece a lama, a lama se torna dura e quebradiça; quando o sol aquece a cera, a cera fica macia e maleável, e você pode moldar qualquer coisa com ela. Conosco é o mesmo. Se temos um coração para aceitar corretamente o toque da eternidade, então nosso coração se torna suave, e Deus pode imprimir Sua imagem nele. Claro, algumas pessoas culpam a Deus pela morte, mas quem é o homem para culpar a Deus? O Senhor prevalece em todo o julgamento, porque Ele mostrou Seu infinito amor pelos homens em Seu Filho. "Tendo amado os seus que estavam no mundo, ele os amou até ao fim", diz a Escritura (João 13: 1). Mas, algumas pessoas permanecem presas em seu orgulho e acham mais fácil acusar a Deus. Mas devemos lutar para encontrar o caminho da humildade. Quando Jacó lutou com Deus por toda uma noite, ele encontrou uma maneira de humilhar seu coração, e quando ele humilhou seu coração, o Senhor apareceu a ele e ele ouviu Sua voz dizendo: 'Estais fortalecido com Deus, portanto serás forte com os homens' (cf. Gên 32.28). Com essa certeza ele foi direto ao encontro de Esaú, e Esaú sentiu a mudança em Jacó, percebendo que ele era um portador da bênção de Deus, e em vez de matá-lo, ele caiu de bruços e chorou. É uma questão de encontrar um pensamento humilde que nos faça fortes com Deus. Então podemos enfrentar qualquer coisa, até mesmo a ameaça de morte, como Jacó enfrentou a ameaça de morte nas mãos de seu irmão Esaú.

Questão 4: Muitas vezes leigos chamam o padre, e você vai ao leito de morte e pensa que provavelmente a última vez que eles foram à Igreja foi um ano antes de você nascer, e eles querem que você lhes conte toda a história da Igreja em duas horas e depois lhes dê a Sagrada Comunhão. Essas pessoas têm muito orgulho próprio e, durante a vida, elas eram obstinadas e ninguém conseguia se aproximar delas. Esta situação é um sinal de que eles estão tentando quebrar seu orgulho, que eles viram a luz no fim do túnel, ou existe um sentimento de culpa no último momento de sua vida? O que está acontecendo em suas mentes?

Resposta 4: O que se pode fazer naquele momento? Apenas tente dizer uma palavra consoladora, de modo que, pelo menos naquele momento final, eles recebam um pouco de esperança. Esse momento não deve ser desperdiçado em coisas terrenas. Lembro-me de acompanhar um padre que foi ver alguém que estava morrendo e tinha todos os tipos de tubos saindo dele. Aquela pessoa tirou a máscara de oxigênio e disse ao padre: "Quero viver mais uma semana para poder ir dizer:" Obrigado "ao ancião que salvou a vida da minha

filha." E o padre disse-lhe: "Com o que você está se preocupando? É muito melhor lá em cima! É por isso que ninguém volta". O padre falou com tanta simplicidade e convicção, que eu teria gostado de ir até lá a cima, naquele exato momento.

Pergunta 5 (Bispo Basílio): Padre Zacarias, você compartilhou comigo um episódio de sua vida. Você foi colocado em uma situação, em que deveria consolar várias pessoas depois de uma grande tragédia. Muitos ficam chateados quando nos perguntam, no último minuto da pregação de um sermão, sobre o Evangelho que acabamos de ouvir. Mas o padre Zacarias, um visitante numa igreja, que havia acabado de celebrar a Divina Liturgia, foi convidado pelo pastor da igreja a falar uma palavra de consolo a várias famílias que vieram à igreja, depois de um acidente de avião em que todos os seus entes queridos foram mortos. E Deus realmente usou o padre Zacarias e deu-lhe uma palavra de consolo para essas pessoas. Eu acho que seria útil para os irmãos ouvirem essas palavras, porque muitas vezes nós trabalhamos em posições de consolar as pessoas depois de tragédias reais, não apenas alguém que está em seus noventa anos e morrendo pacificamente, mas também quando alguém realmente precisa de uma palavra que traga consolo para as pessoas, como depois de uma morte súbita. Grandes tragédias são momentos em que a fé das pessoas pode ser desafiada. Você se importaria de compartilhar com os irmãos o que disse naquele dia?

Resposta 5: Foi há cerca de um ano, ou talvez mais, que um avião de uma companhia chamada Hélios caiu logo antes de chegar a Atenas, e todos os passageiros foram mortos. Depois de algumas semanas, fui para o Chipre. Em uma das cidades há uma igreja onde sempre vou, porque o padre é muito simpático e generoso. Ele até construiu duas igrejas na África Central com o dinheiro que herdou de seu pai. Ele é muito bom; ele ajuda toda a gente que vai à sua igreja. Eu estava a dar uma palestra em sua igreja e havia muitas pessoas presentes. Quando terminei a palestra, este padre me disse: 'Veja bem, há muitas pessoas vestindo preto aqui, querem uma palavra de consolo porque perderam famílias inteiras, todos os seus amados, naquele acidente de avião.' Eu não sabia o que dizer. Foi um momento muito difícil, porque como você pode consolar alguém se você mesmo não passou por um sofrimento maior do que a pessoa que você está consolando? Se você está consolando alguém sem ter sofrido você mesmo, as palavras de consolo são desajeitadas em seus lábios. É por isso que tentamos infligir pelo menos algum sofrimento voluntário a nós mesmos, se não houver sofrimento involuntário na nossa vida. Temos que nos esforçar para adquirir essa dimensão na nossa vida. Eu não sabia o que dizer, mas de repente me lembrei de dois acontecimentos da minha vida. Uma vez em que eu estava a ir da Grécia para a Inglaterra de avião, e a meio caminho, um dos motores do avião quebrou. As rececionistas estavam a subir e descer o corredor, tirando todas as coisas dos armários e colocando-as sob os assentos. Elas não nos diziam o que estava a acontecer; apenas continuaram dizendo: "Apertem os vossos cintos! Apertem os vossos cintos!" Eu senti o cheiro de algo não muito agradável e então eu simplesmente me soltei; Fechei os olhos e pensei comigo mesmo: "Agora devo dizer minha última oração a Deus. Parece que chegou o momento em que o modo da minha existência vai mudar." E comecei a orar como se fosse a minha última oração. Antes de tudo, agradei a Deus por tudo: ele me ter trazido a esta vida, ele me ter dado a graça do batismo, a maravilhosa graça do monaquismo e - a maior graça que existe na terra - o sacerdócio. Agradei-lhe de todo o coração por tudo o que Ele fez na minha vida desde que nasci e por me ter levado a um homem tão santo como o Ancião Sofrônio. Eu agradei-lhe tudo o que a minha consciência pudesse abraçar (no momento), como se fosse a minha última hora, de modo a não partir, se possível, com os inestimáveis benefícios d'Ele. Então, tendo agradecido a Deus, orei para que Ele perdoasse todos os meus pecados, desde o meu nascimento até aquele momento, quer me lembrasse deles ou não, tendo-os confessado ou não, por vergonha

ou esquecimento. Então eu orei para que Deus consolasse todos aqueles que eu deixaria para trás, especialmente meu ancião, padre Sofrônio, que eu sabia que era quem ficaria mais triste. Foi ele quem me mandou para a Grécia para arranjar algumas coisas com o padre Emilianos de Simonos Petras. Eu orei por todas as pessoas com as quais eu tinha alguma ligação e quando terminei, apenas fechei os olhos dizendo: 'Senhor, por favor, aceite-me como eu sou.' Depois de quarenta minutos nós pousámos em Tessalónica e eu vi pela janela, ao longo do corredor, uma linha de carros de bombeiros. Eles estavam com medo que o avião pegasse fogo no momento da aterragem, mas, graças a Deus, fomos poupados! Então esperámos por algumas horas e outro avião chegou e nos levou de volta para a Inglaterra. Eu fui ver o padre Sofrônio e a primeira coisa que ele me disse foi: "As orações salvaram você!" Eu tenho medo de pensar nisso!

O outro episódio da minha vida que lhes mencionei, estava ligado ao meu pai. Ele era um camponês, mas, para o seu tempo, tinha conhecimentos; ele frequentou uma escola americana e conhecia muito bem o inglês. Ele precisava de trinta xelins para passar num exame para se tornar um professor, mas seu pai não os daria a ele, porque temia que ele deixasse a vila e que a sua terra caísse em desuso. Ele queria que os seus filhos continuassem seu trabalho nos campos. Mas meu pai tinha uma paixão pelo conhecimento e especialmente por idiomas, tanto grego quanto inglês: qualquer coisa que ele conhecesse em grego, ele achava que deveria saber também em inglês. Ele tinha uma paixão pela eloquência: sempre que lia qualquer coisa em tal estilo, ele aprendia de cor, mesmo que fosse uma peça satírica num jornal. Ele aprendeu passagens das Escrituras e das cartas de São Basílio, o Grande, porque achava a palavra do Santo muito poderosa. Em 1974, os turcos invadiram o norte do Chipre e tomaram todas as suas terras. Deixaram apenas a casa e o jardim com as laranjeiras, que continuaram sendo a nossa principal fonte de renda. Ele estava muito triste, mas não havia nada que ele pudesse fazer. Após alguns anos de verdadeira prisão na aldeia, ele conseguiu se afastar do Chipre por razões médicas. Ele veio-nos ver a Inglaterra e ouviu-nos a rezar a Oração de Jesus nos cultos, e com a dor em seu coração por tudo o que havia perdido, e pela atmosfera opressiva em que ele vivia, em sua própria casa e vila, ele adaptou a oração à necessidade do seu espírito e começou a orar: "Senhor, Jesus Cristo, Filho de Deus, salva-nos dos invasores." E isso se tornou a sua oração. Depois de alguns anos, minha mãe veio ao mosteiro e disse-me: "Se seu pai não for salvo, ninguém será salvo!". "O que você quer dizer?", Perguntei a ela. Ela respondeu: "Ele reza a Oração de Jesus durante metade da noite". Finalmente, os turcos arrancaram até a cerca em torno de seu pomar para passar com seus animais. Quando ele viu aquilo - ele não podia protestar ou fazer qualquer coisa, porque teria sido muito perigoso - ele entrou em colapso. Ele teve um ataque cardíaco e foi levado para o hospital. Mas, dois dias antes, ele estava na cama com minha mãe e, pegando-lhe as mãos, começou a beijá-las e a dizer: 'Eu aposto que Milcíades, seu pai, me deu uma alma para ficar comigo toda a minha vida?' "Ele estava chorando de gratidão, beijando as mãos de minha mãe, ela que tinha sido tão corajosa. Minha mãe não pôde acompanhá-lo ao hospital, porque ela teve que cuidar de sua própria mãe, que tinha noventa anos de idade. (Os turcos haviam-na espancado e ela estava a cuspir sangue.) Então sua irmã, minha tia, acompanhou-o ao hospital. Durante os dois dias em que estive no hospital, ouviu-o dizer continuamente: "Pai, em Tuas mãos entrego o meu espírito." O modo como ele orava havia mudado e ele morreu orando. Eles telefonaram-me e eu fui ao Chipre para realizar o funeral. Os turcos me permitiram entrar na aldeia por quatro horas para enterrar o meu pai. Eu estava acompanhado por dois polícias turcos e dois soldados da ONU. Então, eu fui até aos aldeões que vieram ao funeral. Eu executei o funeral. Eu comi com os polícias turcos na casa do meu pai. Até lhes dei presentes e voltei a Nicósia. No dia seguinte voltei para a Inglaterra e tive que celebrar a Divina Liturgia no mosteiro. Durante toda a Liturgia houve um sino a tocar em

meu coração: "Ele está salvo. Ele está salvo. Ele está salvo." Eu não pude impedir que minhas lágrimas fluíssem e um dos nossos anciãos, padre Simeão, me viu e me perguntou: "Qual é o problema com você hoje?" Eu disse a ele: "Eu não consigo me controlar, sinto muito." Com essa informação em meu coração, que meu pai foi salvo, a Divina Liturgia foi como um serviço memorial para ele. Após a morte de meu pai, minha mãe tornou-se monja em um convento no Chipre. Eu tenho apenas uma irmã, que é professora em Atenas; então minha mãe ficou sozinha no Chipre. Ela deixou a aldeia porque estava ficando velha demais. Felizmente eu tive bons amigos, monges e monjas, que cuidaram dela. Ela se tornou monja e viveu os últimos anos de sua vida como monástica. Um dia, após sua morte, eu estava orando pelos meus pais, na verdade meio orando, meio pensando, e na minha tolice eu perguntei a Deus: 'Senhor, quando o meu pai morreu, o Senhor me informou, com um sino tocando em meu coração, que ele foi salvo. Por que o Senhor não deu o mesmo sinal com a minha mãe?' "E ouvi uma voz em meu coração, uma voz estranha, mas convincente e libertadora, dizendo-me: 'Porque seu pai foi privado de tudo nesta vida'. Foi privado de tudo, não só porque os turcos tomaram sua terra, mas ele tinha uma enfermidade na mão direita, que fez com que todos os dons que ele tinha fossem inúteis. Ele teve uma boa educação para o seu tempo, mas todas essas coisas foram inúteis por conta da sua enfermidade.

Então eu contei aos paroquianos esses dois eventos, e disse-lhes: "Agora vamos voltar às pessoas que vocês perderam no acidente. Aquelas pessoas estavam naquele avião por duas horas, incapazes de fazer qualquer coisa. Nós não sabemos de que maneira a graça do batismo foi revivida neles nessas duas horas, ou que orações eles disseram a Deus, ou como eles terminaram suas vidas orando, o que não teria acontecido mesmo se tivessem vivido séculos de vida confortável na terra. Nós não sabemos como eles terminaram suas vidas, mas sabemos que a graça do batismo era deles, que eles não eram ateus. Eles teriam visto o perigo, e tenho certeza de que eles morreram cheios de oração e que a morte deles foi cheia de bênçãos. Sabemos também dos ensinamentos de nossos Pais, que Deus não julga duas vezes. São Paulo diz que se julgarmos a nós mesmos, não seremos julgados, mas se não o fizermos, então Deus nos castiga para que não pereçamos com o mundo. Ou seja, se Deus permite que o infortúnio nos aconteça uma vez, isso significa que Ele está nos poupando do infortúnio na próxima vida. A vida eterna entrega a justiça e corrige todas as injustiças desta vida terrena. Essas pessoas perderam a vida por causa de um erro do piloto, e tenho a certeza de que Deus as renderá mais na próxima vida. Talvez eles estejam agora festejando no reino de Deus, e ficamos para trás, lamentando-os por causa de nossa ignorância e nossa mente terrena. " Depois, uma das pessoas veio até mim e disse: "Obrigado. Agora estou consolado."

CAPÍTULO 3

O DESPERTAR DO CORAÇÃO ATRAVÉS DO TEMOR A DEUS

O pensamento da morte é como um encontro com a eternidade viva de Deus, atingindo decisivamente todo o homem, porque manifesta o inferno da ausência de Deus em seu coração, revela sua pobreza espiritual e a esterilidade de sua mente. Essa experiência dolorosa gera o temor a Deus, que começa a cercar o seu coração e alterar o seu modo de pensar. Assim como o pensamento da morte não é uma emoção psicológica, o temor divino pelo qual ela é seguida também não o é: ambos são estados espirituais e dons da graça.

Qualquer tipo de contato com a eternidade, especialmente nos estágios iniciais, produz um certo medo na alma, porque a eternidade é estranha ao homem. Como já mencionámos, o pensamento da morte provoca o desespero carismático, graças ao qual o homem é libertado da atração às paixões e ao mundo criado. Da mesma forma, o temor a Deus, que procede da iluminação divina, desperta o homem de seu antigo sono pecaminoso e o ajuda a voltar à sobriedade.⁸ Seu coração é fortalecido com firme autodeterminação e ele prefere "as coisas visíveis", isto é, o "eterno", em vez das "coisas invisíveis", isto é, o "temporal" (cf. 2 Co 4:18). De facto, "O temor do Senhor é o princípio da sabedoria" (Provérbios 1: 7), e a verdade e o significado desse provérbio estão justamente nessa escolha.

Tal sabedoria em relação a Deus e Seus dons leva o homem a entrar numa espécie de pacto espiritual com ele. Ele resolve não se render à corrupção em torno dele e à morte eterna, determinado, como sempre, a buscar a face do Altíssimo, em seu esforço para cumprir "aquela boa, aceitável e perfeita vontade de Deus" (Rom. 12: 2). Em troca por sua boa resolução, ele recebe a iluminação do rosto de Cristo e o seu coração acelera.

Iluminado interiormente pelo temor a Deus, o homem então adquire conhecimento de seu verdadeiro estado. Ele começa a se ver como Deus o vê. Ele está convencido de que a inaceitável regra da morte reina em toda parte, e que dentro dele residem tais trevas de corrupção e ignorância, que seu espírito sofre tormentos. Ele gradualmente descobre os enganos e maus pensamentos aninhados em seu coração, e é torturado com a possibilidade da sua perdição eterna.⁹ Embora ele não esteja apto a olhar diretamente para a fonte da Luz, ele é, todavia, lúcido o suficiente para poder avaliar sua situação difícil. Mais importante ainda, ele não se desespera diante de sua miséria, porque não é o resultado de uma análise psicológica, mas uma qualidade de consciência operada apenas pela graça. Além disso, a esperança o inspira a derramar o conteúdo do seu coração em oração e a trabalhar junto com Deus para a sua limpeza e cura.

Mesmo durante esses primeiros estágios de cura e iluminação, o coração do homem apreende certas verdades. Ele percebe claramente a imensa grandeza do chamado do Evangelho e a altura inatingível dos mandamentos do Senhor, bem como os estatutos que governam o Seu caminho. Ele está igualmente ciente da extensão de sua contaminação. Constrangido pelo medo de transgredir os preceitos divinos, ele entende que a crucificação não pode ser evitada se ele entrar no reino. A grandeza do seu objetivo e o sofrimento associado à sua realização, aumentam o seu medo. Coração e mente são regidos por uma preocupação ansiosa, diante da sua indignidade perante o Deus do amor.¹⁰

Como o Senhor mostrou a perfeição do Seu amor "através dos sofrimentos" (Hb 2:10), da mesma forma o seu discípulo, que deseja entrar no reino celestial, deve suportar a aflição e o sofrimento para que o seu coração seja purificado. Na sua resistência, ele torna-se

⁸ Cf. "Vamos vê-lo como Ele É", op. cit., p. 21

⁹ Cf. "On Prayer" (Arquimandrita Sofrônio), op. cit., p. 9

¹⁰ Ibid., P. 117

consciente da instabilidade da sua natureza. Ele mostra-se incapaz de amar firmemente a Cristo que "nos amou primeiro" (1 João 4:19). Através da experiência, ele descobre a sua fraqueza e está convencido de que 'todos os homens são mentirosos' (Salmos 116: 11), porque eles não são capazes de guardar o mandamento do amor.¹¹ Essa dolorosa descoberta intensifica o seu temor divino, e isso esmaga e humilha o seu coração, tornando-o recetivo ao amor de Deus.

O temor a Deus funciona de maneira diferente no coração do homem, dependendo dos vários estágios da vida espiritual. A princípio, ele lhe concede a sabedoria que prefere as bênçãos eternas, assim como a inspiração para procurá-las. Então, ele leva ao conhecimento da fraqueza de sua natureza e, assim, aprende a preservar a graça de Deus.

O lugar do coração profundo é oculto pela vaidade.¹² O temor a Deus é, portanto, essencial, porque ensina o homem a "não pensar mais em si mesmo do que deveria pensar" (Romanos 12: 3), mas a manter a sensação do Deus vivo no seu coração, com humildade. Finalmente, quando aumenta no coração o grande amor de Cristo, então, o temor divino age como uma salvaguarda. Transmite uma perfeita atitude de humildade - um profundo senso da indignidade do homem diante de tal Deus, um Deus de amor, como Cristo. A humilde gratidão, incessantemente, atrai uma plenitude cada vez maior do amor divino, até que a maior maravilha da história do universo aconteça: "Deus uniu-se ao homem".¹³

O homem, então, só pode amar de acordo com a medida de seu temor a Deus. Nisso ele se parece com os querubins, que tentam se superar uns aos outros com temor piedoso, para que possam amar o Senhor ainda mais, com todo o seu ser. Tanto o temor quanto o amor devem acompanhar o homem durante todo o curso da sua vida, pois eles preservam nele o tipo de coração que agrada a Deus e no qual o Espírito do Senhor pode encontrar repouso.

De certo modo, o temor a Deus é natural no homem que não provou da graça divina. Embora ele não saiba a magnitude da humildade, mansidão e amor do Senhor, ele tem medo de ofender a Sua santidade. Mas se a mente e o coração estão presos nas vastas extensões de luz do Céu, o homem volta do banquete do amor divino para a realidade diária, e novamente ele viverá no temor divino com o pensamento: "Aquele que se retirou jamais retornará?"¹⁴

Onde ele uma vez temeu, porque não estava familiarizado com a misericórdia do Senhor, agora conhece a grande condescendência da compaixão de Deus, e ele está temeroso e contrito porque Deus partiu, deixando um vazio insuportável. Este é o começo do perfeito temor dos justos. Os santos são habitantes terrestres do Céu, são videntes da Luz Divina, tendo sido libertados do medo da morte. Mas em sua sabedoria, eles temem em excessiva bravura, sabendo que apenas a contrição permite que fiquem firmes enquanto estão diante do Senhor. A humildade do perfeito temor, mantém a segurança do dom de Deus e sela o coração com conhecimento espiritual.

O temor divino deve possuir a alma do crente conforme ele vai seguindo o Senhor, pois precede o amor que é dado em cada grau de ascensão espiritual e constantemente o segue numa humildade ainda mais profunda. E quando finalmente se considera que o homem é digno de contemplar o Rosto do Senhor, à medida que se aproxima d'Ele, ele é, como sempre, inspirado por esses duplos e sensatos sentimentos - temor e amor. Ele teme porque o Senhor é o Criador de todos, cuja santidade ele não pode alcançar. Ele ama, porque sente que Deus é um Pai misericordioso, que desce do apogeu de Sua glória para habitar em seu coração.¹⁵ Amor perfeito como esse expulsa o temor imperfeito, que "tem tormentos" como João, o grande discípulo do amor, testemunha (1 João 4:18).

¹¹ São Silvano, op. cit., p. 241

¹² Cf. "On Prayer" (Arquimandrita Sofrônio), op. cit., p. 11

¹³ Ibid., P. 103

¹⁴ Cf. ibid., pp. 13, 103; e São Silvano, op. cit., p. 502

¹⁵ Veja São Silvano, op. cit., pp. 177-178, 296.

Podemos ver, portanto, que o temor divino desperta o coração do homem, constrói-o e aperfeiçoa-o com amor divino, para que ele receba a inestimável riqueza do conhecimento e da sabedoria de Deus. A menos que seu coração tenha sido gerado de novo, o homem é " vaidoso em suas imaginações" (cf. Rom. 1:21), e de facto não está inclinado a adquirir sabedoria (cf. Provérbios 17:16).

Por mais puros que possam ser os motivos da feliz disposição de um homem, o temor a Deus o aconselha a exercer prudência de acordo com Sua palavra: "Sirva o Senhor com temor e regozije-se com tremor" (Sl. 2:11). Caminhando sabiamente sobre a terra, no temor a Deus, ele aperfeiçoa a santidade todos os dias e recebe a herança de Deus de acordo com a Sua promessa infalível: "Tu me deste a herança daqueles que temem o teu nome" (Sl. 61: 5).

Mesmo durante os grandes momentos de sua visitação e exaltação pela graça de Deus, o homem aprende a discrição, restringindo seu entusiasmo, humildemente preservando o temor a Deus. Assim, ele não é contaminado pela ousadia humana, enquanto anda no bom prazer da visitação de Deus. "A este homem olharei, para o pobre e contrito de espírito, e que treme da minha palavra", diz o Senhor (Isaías 66: 2). São João do Sinai, que recomenda a prudência durante os grandes momentos em que o homem é visitado pela graça de Deus, diz o seguinte: "Não seja ousado, mesmo que você tenha atingido a pureza; mas aproxime-se com grande humildade e você receberá ainda mais ousadia."¹⁶ Infelizmente, quando a ignorância e a arrogância prevalecem numa pessoa, os dons do Espírito Santo tornam-se uma arma perigosa.

¹⁶ São João Clímaco, A Escada da Ascensão Divina, trans. Lázaro Moore, Passo 28:12 (London: Faber and Faber, 1959), p. 252

Capítulo 4

O DESPERTAR DO CORAÇÃO ATRAVÉS DA “VERGONHA”. O SACRAMENTO DA CONFISSÃO

O primeiro homem e mulher criados no Paraíso "estavam ambos nus... e não se envergonhavam" (Gn 2:25). Eles usavam vestes de incorrupção e os seus espíritos estavam direcionados para Deus, o protótipo deles. Mas quando Adão voltou seu olhar para o mundo criado e conseqüentemente transgrediu o mandamento de Deus, ele foi despojado da vestimenta luminosa do sopro divino. Os olhos de ambos foram abertos e eles souberam que estavam nus; e entrelaçaram folhas de figueira e fizeram para si tangas (Gn 3: 7). A vergonha entrou nas suas vidas e eles perderam a sua honra espiritual. A presença do Deus beneficente tornou-se intolerável para eles, por isso eles esconderam-se da presença do Senhor Deus' (Gn 3: 8). A retirada do homem para longe de Deus e a sua alienação da vida divina, alcançou o objetivo da sua vinda assemelhando-os a bestas sem entendimento (cf. Sl 49:12), e em seu coração endurecido ele disse: "Não há Deus" (Sl 14:1).

Após a queda de Adão, a natureza do homem foi mortalmente ferida, mesmo no Paraíso. Ele ficou sujeito à corrupção e à morte. E é por isso que Cristo veio para curar a doença da natureza humana. Ele veio humildemente como homem, assumiu a nossa vergonha sobre Si mesmo e, através da Sua ressurreição, vestiu-nos novamente com as vestes sagradas e imaculadas de Sua glória, sem qualquer "mancha ou ruga" (Efésios 5:27). Ele não nos deixou nem mesmo o menor traço de vergonha, uma vez que, como diz a Escritura, todas as "acusações dos que O afrontavam caíram sobre Ele" (cf. Rm 15.3).¹⁷

Em seu grande desejo por nossa cura e salvação, Cristo não se poupou. "Pela alegria que lhe foi proposta, ele suportou a cruz, desprezando a vergonha" (Hb 12: 2). Por outras palavras, ao suportar a vergonha da cruz, Cristo enxugou a nossa vergonha e nos salvou. Ele traçou o Seu humilde caminho sobre a terra, de modo a que qualquer um que o siga seja inteiramente curado, por isso o próprio Senhor chama ao arrependimento todos os que pecaram e estão doentes (Mt 9:12). Portanto, o arrependimento como um meio de cura e salvação está ligado inseparavelmente ao caminho do Senhor, e este é um caminho que aceita de bom grado a vergonha.

Mas para se arrepender e ser curado do pecado, o homem deve primeiro descobrir o seu pecado. Quando ele está longe de Deus, ele está nas trevas e não consegue compreender até onde ele caiu. No entanto, quando recebe uma palavra de Deus, com fé em Cristo, ao mesmo tempo recebe no seu coração o fogo celestial da graça divina. Ele é iluminado e adquire uma nova visão. O efeito dessa visão é duplo. Por um lado, o fogo da graça forma no coração do crente a imagem celestial do Verbo que O criou. Por outro lado, a pobreza espiritual e o abismo das trevas, no qual o homem caído se encontra, são revelados. Essa visão é um dom maravilhoso do céu e não deixa de inspirar o homem ao contínuo arrependimento. Produz nele uma profunda necessidade de lançar fora toda a imundície e a superabundância da malícia (Tg 1.21) e retornar em arrependimento à casa do seu Pai celestial.

Há, no entanto, um grande obstáculo à iluminação e à dupla visão mencionada acima, a saber, o orgulho. O orgulho transforma o coração em pedra e entorpece a visão espiritual da alma, que não consegue perceber a "substância" metafísica do pecado e sua onnipresença. Quem é orgulhoso não pode amar. O orgulho isola o homem dentro de si e o seduz com as delícias da auto-deificação luciférica. Isso dá lugar a um vazio deprimente e ele se torna prisioneiro do inferno e até da loucura. Ele agora é tão tiranizado pela força da paixão do orgulho, que sua única fuga parece estar no mundo ao seu redor. Ao procurar preencher esse

¹⁷ Cf. We Shall See Him As He Is, op. cit., p. 30

vazio interior, ele está imerso em uma distorção e destruição cada vez mais profundas, e logo se torna capaz de cometer qualquer crime ou pecado.

Neste estado trágico, o homem é confrontado por um dilema: ou ele se esconde "da presença do Senhor Deus" (cf. Gn. 3: 8) e "morre em seus pecados" (cf. João 8:24), recusando o fardo da vergonha por sua pecaminosidade, ou rejeita o raciocínio corrupto que ele usa para justificar sua queda, e aceita o chamado de Cristo ao arrependimento (cf. Mt 4:17).¹⁸ Essa aceitação da palavra do Senhor, como já dissemos, traz iluminação, uma dupla visão e percepção. Por um lado, está o amor e a santidade sem mácula de Cristo e, por outro lado, a escuridão horrenda do pecado e o engano das paixões.

Tal iluminação pela graça não apenas traz a alma à contemplação, mas também transmite a coragem necessária para dar o salto da confissão (cf. 1 João 1: 9). O Senhor diz: "Todo aquele que me confessar diante dos homens, eu o confessarei também diante de meu Pai que está nos céus" (Mt 10:32). Contudo, Ele também adverte: "Todo aquele que se envergonhar de mim e das minhas palavras nesta geração adúltera e pecadora; também dele se envergonhará o Filho do homem, quando vier na glória de seu Pai" (Mc 8:38).

Em outras palavras, quem tem vergonha de receber a Cristo como seu Deus crucificado e Salvador, e a palavra da Cruz, o evangelho de Cristo, como o poder de Deus 'para a salvação de todos os que creem' (Rom. 1:16), Ele, Cristo, também terá vergonha de o receber no dia da Sua gloriosa Segunda Vinda.

Estas palavras do Senhor deixam claro que a confissão e a tomada da cruz de Cristo num mundo que 'está em perversidade' (1 João 5:19), são acompanhadas pela vergonha, mesmo que carreguem grande poder, sendo os meios para a salvação eterna. Ao chamar o homem para confessá-Lo, Cristo o honra e o faz igual a Si Mesmo. Mas se o homem O negar, então Ele, por sua vez, negará o homem. Embora isso possa parecer grave, também é muito brando. Não nos esqueçamos de que o homem é o servo de Cristo, que é o Senhor de todos. A severidade do julgamento inspira-nos temor, para que possamos ser poupados da vergonha da condenação e da perdição. Por outro lado, é indulgente na medida em que gera em nós a vergonha da gratidão, em resposta ao grande dom da salvação, e tendo assim recebido a sensação de quão indignos somos de tal honra, sendo nós igualmente poupados da terrível vergonha de ingratidão. Em outras palavras, a vergonha e a reprovação que uma pessoa suporta ao levar a cruz de Cristo, levam a que ele seja reconhecido pelo Senhor e, no reino de seu Pai e na presença de Seus santos anjos, tal vergonha é transformada na graça da filiação e no poder da vida indestrutível.

Quando o crente toma consciência da sua iniquidade, ele não faz mais nada para ocultá-la, mas confessará esta iniquidade ao Senhor, contra si mesmo (cf. Sl 32: 5 LXX). E o Senhor perdoa a iniquidade do seu coração e renova-o com a graça da salvação eterna, em troca da vergonha que ele carrega no ato do arrependimento. Quanto mais profunda a vergonha com que ele revela seus pecados no sacramento da confissão, maior o poder e a graça que ele recebe para sua regeneração.

A presença da vergonha no sacramento da confissão não é apenas saudável e normal, mas também confirma que o arrependimento é oferecido pelo coração - que é voluntário e profundamente humilde. Quem verdadeiramente se arrepende e confessa suas transgressões assume total responsabilidade por elas, sem se justificar como Adão fez no Paraíso. Ele não culpa a Deus ou o próximo. Em vez disso, ele suporta a vergonha dos seus pecados com humildade e coragem. Este ato de devoção cura o homem, removendo o tumor maligno de seu orgulho. Ele recebe a humildade, que atrai ainda mais a graça curadora de Deus, de

¹⁸ Cf. On Prayer, op. cit., p. 133

acordo com a palavra da Escritura: "Deus resiste aos soberbos e dá graça aos humildes" (Provérbios 3:34; 1 Pedro 5: 5).

Quão extraordinário é que a vergonha, pela graça de Deus, seja uma fonte de poder através da qual o homem vença as paixões e o pecado! Mas consideremos o modo pelo qual o homem coopera nesse mistério que o tira do pântano mortal do pecado e volta ao caminho da vida.

O relato evangélico do encontro de Zaqueu com Jesus lança uma grande quantidade de luz sobre o nosso assunto (Lucas 19:1-10). Este homem notável e influente, um coletor de impostos de riqueza ilícita, foi vencido pelo desejo de ver quem era Jesus. Mas, seu desejo foi frustrado pela densidade da multidão, pois ele era de pequena estatura. Zaqueu, no entanto, estava tão ansioso que não pensou em se tornar motivo de riso para a multidão. Porque ele estava disposto a aceitar qualquer vergonha que pudesse vir a seu caminho, ele tomou coragem e subiu a uma árvore de plátano para que ele pudesse ver Jesus. O Senhor se aproximou e viu Zaqueu. Então Ele o chamou da árvore para que pudesse encontrá-lo. Ele até lhe deu a honra de visitar sua casa e ficar com ele. E o resultado dessa visita foi realmente maravilhoso: Zaqueu, que menosprezou a sua posição junto à multidão, foi corrigido. Todas as suas iniquidades anteriores foram consertadas e as suas dívidas foram restauradas em "quadruplo" por retidão. Cristo, nosso Deus e Salvador, declarou: "A salvação chegou a esta casa".

Mas como aconteceu esse grande milagre? De onde veio o poder que poderia fazer de um coletor de impostos injusto um homem justo, em quem o bom prazer de Deus encontrou repouso, e em cuja casa a paz de Jesus reinou repentinamente? A questão é muito simples: Zaqueu era indiferente à boa opinião da multidão e de boa vontade envergonhava-se pelo amor de Cristo. E é exatamente por isso que o Senhor reparou nele; em Zaqueu, Ele viu um parentesco espiritual consigo mesmo. O próprio Senhor Jesus estava a caminho de Jerusalém para suportar o opróbrio e o sofrimento pela salvação do mundo. Ele estava a ir em direção à cruz da vergonha; e Zaqueu, de maneira profética, colocou-se no caminho de Cristo e, portanto, suportou a vergonha. Seu desejo de salvação atraiu o Senhor para ele não apenas como companheiro de viagem, mas também como convidado em sua mesa. E a visita do Senhor realmente trouxe a paz e a graça da salvação para sua casa.

Acima de tudo, no entanto, ampliou seu coração "quadruplicando-o" - e isso mudou a sua vida. A natureza "quádrupla" de sua conversão significa a assimilação de Zaqueu do mistério da profundidade, altura, comprimento e largura da Cruz de Cristo (cf. Ef 3:18). Em outras palavras, colocando-se no caminho do Senhor, isto é, o caminho da vergonha para a salvação, o coração de Zaqueu sofreu quatro vezes mais, significando que ele renasceu para a infinidade da vida eterna. As parábolas do "Publicano e do Fariseu" e do "Filho Pródigo", também fornecem exemplos adicionais desse caminho de auto-humilhação.

Os justos do Antigo Testamento estavam familiarizados profeticamente com este aspeto do mistério da Cruz. Quando, por exemplo, Josias, o jovem e justo rei de Israel, leu o Livro da Lei pela primeira vez, ficou muito perplexo e "rasgou suas vestes" (2 Reis 22:11). Pois agora ele percebia a apostasia dos filhos de Israel pelo caminho de seus pais e a ira iminente de Deus sobre eles. Então, ele enviou representantes à Profetiza Huldah para determinar a vontade do Senhor, tanto para si como para o seu povo. O justo profetizou a vinda dos males e a ira de Deus sobre este povo rebelde. Quanto ao rei, ela disse que o Senhor o havia perdoado porque ele havia acreditado nas palavras do Livro da Lei. "Seu coração ficou envergonhado e se humilhou diante do Senhor... e chorou" (2 Reis 22:19 LXX), e por isso ele deveria ser poupado dos males que aconteceriam, e iria para seu túmulo em paz e se uniria a seus pais. Assim, o rei foi preservado através da profunda vergonha de seu coração e justificado diante do julgamento do Senhor (cf. 2 Cr 34:27).

No seu desejo pela nossa salvação, Cristo não se poupou nem um pouco. Como dizem as Escrituras: "As injúrias dos que O afrontavam (a Deus Pai) caíram sobre Ele" (cf. Rom. 15: 3), e isso aconteceu "fora do acampamento" (Hb 13:13). Em outras palavras, a reprovação suportada por Deus, o Salvador, por nossa salvação, não poderia ter sido mais completa. Da mesma forma, quando, na confissão, suportamos uma pequena medida do opróbrio que Ele levou por nossos pecados, então abandonamos o 'acampamento' deste mundo - sua opinião favorável e seu espírito - e 'oferecemos o sacrifício de louvor a Deus continuamente' (Hebreus 13:15). Ao oferecer ação de graças ao Autor da sua salvação, o crente se coloca no caminho do Senhor, a fim de encontrar o Senhor que é o Caminho, que é o Gracioso Companheiro Viajante daqueles que se arrependem, e que transmite Sua graça para o homem e renova a sua vida.

Os Padres dizem que, o homem que voluntariamente atribui a culpa a si mesmo, corre para a Paixão de Cristo. O bom ladrão é o melhor exemplo disso: sua condenação de si mesmo operou a transformação da sua própria cruz na Cruz de Cristo, e ele foi salvo naquele mesmo dia. A genuína condenação de si mesmo rende somente a glória a Deus, colocando a culpa onde ela pertence, isto é, no homem caído: "Seja Deus verdadeiro, e todo homem mentiroso" (Rm 3: 4). O coração daquele que se condena está cheio de gratidão, pois agora ele está verdadeiramente ciente da verdade de que, "enquanto ainda éramos pecadores, Cristo morreu por nós" (Rm 5: 8).

Antes do arrependimento, os poderes naturais do homem são direcionados para a terra de onde ele foi formado. Seu coração é duro, sua mente dispersa em seu intercurso com o mundo criado. Ele está vazio dentro de si mesmo, e o seu verdadeiro propósito é frustrado, enquanto ele viaja em direção ao abismo do nada. Mas se ele se arrepender e confessar com humildade, descobrirá contrição no seu coração. Sua contrição o magoa profundamente, porque ele vê quão feia é a queda. Mas esta dor e a vergonha que vêm com o reconhecimento do pecado até o solo oco do coração, arrancam dela as paixões da desonra. Os poderes da alma são curados e unificados para o cumprimento do mandamento de amar a Deus e para a adoração do Senhor "em espírito e em verdade" (João 4:24). Ao se apresentar diante do Senhor com admiração e amor, o homem recebe então a graça que tanto amplia o seu coração, que abraça toda a raça humana à medida que ele intercede diante de Deus pela salvação de todo o mundo. Ao cumprir os dois grandes mandamentos de amor a Deus e ao próximo, o homem lança os alicerces do templo de Deus, para que o Espírito de Deus possa habitar nele. (Envergonhar-se por causa de Cristo é considerado por Deus como um sacrifício, como gratidão a Ele que nos salvou pela Cruz da vergonha. E por essa gratidão Ele vem até nós e transmite a Sua vida para nós. De facto, as nossas almas são redimidas através desse sacrifício de vergonha, e quando vejo pessoas a confessarem-se verdadeiramente e envergonhadas, quero-me esconder debaixo da terra. Sinto-me ainda mais humilhado, porque sei que na sua hora de remorso e vergonha, a mão de Deus repousa sobre eles e todo o céu está do lado deles. Essas pessoas recebem uma abundância de graça pela sua confissão sincera e humilde, e elas são verdadeiramente regeneradas.)

Perguntas e respostas

Pergunta 1: Há algo que possamos especificamente fazer por nós mesmos e encorajar nossos paroquianos a fazer para que a sua confissão seja mais eficaz, e mais capaz de lhes trazer a salvação?

Resposta 1: Se as pessoas entenderem que essa vergonha se converte em força contra o pecado e as paixões, então elas ganham coragem na confissão, e elas confirmam essa verdade pela experiência. Uma vez eu falei numa reunião dos Pais espirituais em Limassol, Chipre, e o

título da minha palestra foi "A Transformação da Vergonha em Poder contra as Paixões, no Sacramento da Confissão". Falei muito sobre esse assunto e lembro que depois alguém me disse: "Agora quero-me confessar!" É claro que todos temos dificuldade em nos confessar; não é uma coisa fácil. Tenho sessenta anos e sempre que me confesso, acho difícil. Eu tenho que ir contra todo o meu ser. Mas que libertação sinto quando isto está acabado e feito! É difícil para todos nós, mas vale a pena, porque existe tal graça e liberdade depois!

Pergunta 2: Temos algumas pessoas que nos procuram para o sacramento da confissão; vemos eles a chorar, eles sentem-se humilhados e assim por diante, mas eles voltam de novo, de novo e de novo. E você fica cheio desse "de novo". Qual seria o seu conselho para mim, como padre, para enfrentar um desafio como esse?

Resposta 2: Existem práticas diferentes. Sei que alguns pais espirituais impedem que as pessoas venham até eles, quando percebem que isso é infrutífero e dizem-lhes: "Ache outra pessoa; Eu não posso mais fazer isso". Todos nós temos esses casos. Mas, também podemos trabalhar, uma e outra vez, com uma palavra de consolo. E chega o momento em que as pessoas são atingidas em seu coração por um sentimento de desonra e verdadeira vergonha, e começam a progredir. Não devemos esquecer que o ministério do sacerdote é de consolo. No Antigo Testamento, Deus diz através de Seu profeta Isaías: "Sacerdotes, consolem o meu povo" (cf. Is 61: 1-2). Acho que se formos pacientes e os consolarmos, explicando-lhes a questão, eles mesmos chegarão a um ponto em que sentirão que, ou se esforçam mais e superam o problema, ou param de vir até nós. Mas, da nossa parte, deve sempre haver um esforço para instruir, consolar e também advertir. O Padre Sofrônio raramente nos repreendia; mas, se ele percebesse que havia orgulho em nós, então suas palavras eram muito suaves, mas podiam esmagar ossos. Ele era muito indulgente com tudo, mas sabia que o orgulho é o começo do fim, e que tudo estaria perdido se ele não nos corrigisse. Ele fez isso comigo duas vezes - como me senti limpo depois! Que conforto e tranquilidade em oração eu tive depois disso - foi uma limpeza realmente completa! Existem muitas práticas. Se eu seguisse os critérios dos pais espirituais gregos, acho que certamente estaria perdido. Eles são mais rigorosos - talvez não todos, mas de um modo geral. Aqui no Ocidente, no entanto, devido às circunstâncias da vida e à dificuldade das condições em que as pessoas vivem, e do mundo que as rodeia, temos que ser mais indulgentes e pacientes. Mas é bom conhecer as regras da Igreja, por exemplo, que um certo pecado é punido com uma exclusão de dois anos da Sagrada Comunhão. Ninguém mais pode aplicar essas regras literalmente, mas é muito importante que as conheçamos, porque elas refletem a magnitude do enfraquecimento da alma, quando certos tipos de pecado foram cometidos. O tempo pode, naturalmente, ser encurtado em qualquer caso, dependendo do arrependimento da pessoa e da disposição e complacência do padre em cooperar com essa pessoa. Tudo pode ser acelerado se o padre trabalhar em conjunto com o penitente e orar por ele. Agora percebo que, quando nós, sacerdotes, oramos por nós mesmos, Deus não nos escuta e Ele pode ser tão surdo quanto eu, mas quando nós oramos por outras pessoas, Ele responde muito rapidamente, o que mostra que esta é a verdadeira natureza do nosso ministério. É muito importante e muito valioso que oremos pelo povo e que estejamos atentos a eles. Se o pai espiritual está disposto a trabalhar ao lado de alguém que se arrepende, o processo de cura é acelerado enormemente. Mas existem muitos fatores. Na física, existem várias fórmulas para leis físicas; constantes são introduzidas para que, sob certas condições, a fórmula funcione de uma maneira, e sob outras condições, de outra maneira. É o mesmo com fenômenos espirituais, só que existem outras constantes a serem lembradas, como a disposição e o cuidado do sacerdote, e estas são muito importantes.

Pergunta 3: Temos muitas pessoas que repetidamente continuam a voltar, confessando o mesmo pecado repetidas vezes. Minha pergunta é: "Quem está a falhar?" São eles ou somos nós? Não somos realmente capazes de ler o seu problema espiritual ou a razão, ou causa da falha? Por que as pessoas voltam, sendo que obviamente não estão reconciliadas? Eles não obtêm vitória através da confissão e continuam a voltar com a mesma coisa.

Resposta 3: Não é que eles não estejam reconciliados, mas "velhos hábitos são difíceis de morrer", como dizemos em inglês, e certas feridas levam tempo para cicatrizar. Eu acho que, se eles levam um pouco a sério a questão, isso ajuda, mesmo que eles possam recuar. É como quando nós limpamos os campos: tiramos as ervas daninhas e elas voltam a crescer, mas é melhor fazê-lo regularmente do que deixar que as ervas daninhas afoguem o trigo. Eles podem não ser tão sérios quanto queremos e esperamos que sejam, mas há algo neles que os faz voltar para nós de novo e de novo, e tenho certeza que Deus aceita até mesmo isso. Perdoe-me por me repetir, mas nós devemos nos lembrar que, como sacerdotes, devemos proporcionar consolo ao povo de Deus. Desde os tempos do Antigo Testamento, até o presente, essa é a tarefa do sacerdote. Lembro-me de ter um amigo que era estudante e tinha em mente que se tornaria padre. Ele foi perguntar a um velho sábio russo o que é necessário para ser um padre. Aquele homem sábio disse-lhe muito simplesmente: "Duas coisas: amar a Deus e amar o povo."

Pergunta 4: Você pode descrever brevemente a diferença entre vergonha e humildade?

Resposta 4: Eu acho que a vergonha precede a humildade e transmite a humildade, especialmente se for uma questão de obediência à palavra e aos mandamentos de Deus. Não há confusão. Nós não estamos a fazer nada por razões psicológicas; queremos nos reconciliar com o próprio Deus; queremos demolir o "muro da separação" (Efésios 2:14) entre Deus e nós. O rei Josias, que mencionamos antes, foi salvo por causa da vergonha que sentia em seu coração; todas as pessoas deveriam ser punidas, exceto ele. Em outras palavras, a vergonha precede a humildade, porque envolve o coração, humilha o coração e atrai a graça que justifica.

Questão 5: A maioria dos penitentes, cujas confissões eu ouço, começam com uma declaração do pecado deles, e depois segue-se a declaração de que eles "se esforçarão mais". Que palavras você pode dar para nos ajudar a afastar a pessoa da sua própria vontade - "tentar com mais afinco" - e confiar na misericórdia e no amor de Deus?

Resposta 5: Eu penso que não é mau que eles tenham esse pensamento de se esforçar mais, porque todas as coisas em nossa vida cristã são uma cooperação do fator divino e humano. O fator divino é infinitamente grande e o fator humano é infinitamente pequeno; mas, mesmo assim, o fator divino nada pode fazer sem a contribuição do fator humano. Então, diga-lhes que é bom que eles queiram se esforçar mais, mas isso é infinitesimalmente pequeno. Eles têm que implorar a Deus e humilhar-se para atrair para o seu lado o fator infinitamente grande da divina misericórdia.

Pergunta 6: Você falou sobre o sacerdócio como um ministério de consolação, mas eu estou a perguntar a mim mesmo: particularmente, no sacramento da confissão, como é que se caminha nessa linha tênue entre consolar e não minimizar a vergonha, não reduzir a vergonha e a força que as pessoas penitentes podem ganhar com isso?

Resposta 6: Muito boa pergunta! Outrora o padre Sofrônio disse-me: "O trabalho de um pai espiritual é ingrato se ele tem que empurrar as pessoas; mas torna-se um prazer e uma alegria quando as pessoas são inspiradas. Então ele tem que moderar o seu zelo, o que é muito mais fácil do que despertar zelo neles." Portanto, se você perceber que as pessoas que se confessam estão cheias de vergonha, contrição e estão quebrantadas, é claro que você não pode fazer nada mais do que consolar. É assim que Deus lida conosco. Mas, se você perceber que eles estão endurecidos, então você pode dizer uma palavra séria, com a esperança de que, talvez, isso possa tocar seus corações. Depende, mas se alguém vem e está contrito, acusando-se diante de Deus, ele já está justificado por Deus, e não posso deixar de justificá-lo dizendo uma palavra boa e encorajadora para ele. No entanto, se alguém vem até mim e diz: "Eh! Nada sério, pai, as coisas normais...", Encolhendo os ombros, sem dizer muita coisa e agindo como se o pecado fosse natural, então tenho que dizer alguma coisa, advertindo-o gentilmente que o seu coração corre o risco de se tornar morto, duro e incapaz de receber a salvação de Deus. Não há receitas; nesse momento, você deve ter um ouvido para o céu e o outro para a pessoa à sua frente, e pedir em oração para receber uma palavra. E Deus muitas vezes nos surpreende e nos deixa envergonhados pela rapidez com que Ele responde à nossa oração, e com que as palavras que ainda não ocorreram na nossa mente e coração chegam a nós quando realizamos nosso ministério nos sacramentos.

Pergunta 7: É apropriado que exista algum espaço, ou lugar, para um acompanhamento? Se alguém vier até você e confessar, e o objeto da confissão for muito sério, existe um tempo que seria aconselhável, nesta situação, os chamar e verificar como eles estão?

Resposta 7: Eu penso que sim. Há certas coisas que são muito dolorosas e que não podemos ignorar. Mas devemos ter três coisas em mente. Primeiro, devemos pensar em nossa responsabilidade diante de Deus, porque estamos diante de Seu julgamento. Em segundo lugar, nós também estamos diante do julgamento da Igreja, e a Igreja como um Corpo tem as Suas regras, Suas constituições. Em terceiro lugar, devemos ter em mente a pessoa do penitente também. Nós não somos completamente livres para decidir os assuntos e como gostaríamos de ajudar a pessoa até o fim, especialmente se o pecado é conhecido por muitos. Nesse caso, temos que ser muito prudentes, porque não podemos falar livremente. Mas você está certo, precisamos de um certo tempo antes de prosseguir. Por exemplo, se uma pessoa tiver quedas e feridas graves, poderemos dizer: "Volte daqui a um mês e venha ter comigo" e veja o que acontece pelo menos nesse mês. Todos nós temos a tendência, quando uma pessoa se confessa pela primeira vez, de não fazer perguntas. Fico feliz em receber e orar pela pessoa, e não faço perguntas, a menos que haja algo doloroso e seja conhecido por todos. Se a pessoa voltar mais tarde e as coisas não tiverem sido alteradas, então temos que então tomar algumas precauções. Eu não sou muito bom com esses assuntos. Lamento ter de tomar o lugar do professor e tenho a certeza de que muitos de vocês sabem melhor do que eu como responder a essas perguntas; mas tendo em conta que você me colocou aqui, eu falo pelo interesse e por suas orações. Por favor, me perdoe; Não quero fingir que sei tudo.

Questão 8: Eu não sei como é no Reino Unido, acompanhando o que você acabou de falar, mas, nos Estados Unidos há um grau de proteção legal para o clero, o chamado "selo da confissão", mas presume-se que o padre também mantém o selo. Então, se alguém voltasse a contatar a pessoa que fez a confissão sob certas circunstâncias, ele poderia ser responsabilizado em um tribunal por violar a integridade dessa pessoa e poder ser processado, por exemplo?

Resposta 8: Devemos sempre ter muito cuidado, como padres, para não transgredir as leis do estado. Se não podemos manter as leis do estado, que estão num nível muito mais baixo, como podemos manter as leis de Deus, que são sublimes? No entanto, muitas vezes acontece que somos obrigados a manter um segredo e o fazemos, mas as próprias pessoas não o mantêm. Também devemos ter em mente que, se ambos os lados mantiverem o segredo, você terá mais liberdade para deixar seu coração falar, e então há mais benefício e ajuda. Claro, devemos ser prudentes como você disse. Eu sei que na América, e agora está a chegar à Europa também, onde quer que haja uma relação desigual, a lei é muito rigorosa. Se há alguma culpa num relacionamento desigual, como aquele entre um professor e um aluno, ou um padre e um paroquiano, a lei é muito rígida, porque a autoridade que nos é dada não deve ser usada para destruição, mas para ajuda e correção. Não podemos fazer nada sobre isso, mas apenas seja prudente.

Questão 9: Ontem você nos falou sobre a auto-condenação e disse algo muito útil: se você tem um paroquiano que é fraco psicologicamente e, portanto, incapaz de se condenar, é melhor encorajá-lo a louvar a Deus e dar graças em gratidão, e isso produziria uma espécie de humildade. Portanto, o mesmo objetivo é a humildade, mas o medicamento é diferente, mais apropriado para alguém que é psicologicamente fraco. Você poderia nos falar mais sobre como fazer essa distinção entre a saúde espiritual - onde o pensamento da morte, por exemplo, é proveitoso - versus alguém que é suicida e psicologicamente fraco, e pensa na morte o tempo todo; ou entre alguém que é espiritualmente capaz de suportar a vergonha, versus alguém cuja vergonha psicológica é tóxica e destrutiva para o seu ser?

Resposta 9: Tomemos a pessoa que ameaça cometer suicídio. Às vezes as pessoas não fazem isso, mas apenas ameaçam. Eu tive um caso como esse, uma pessoa que sempre que se vinha confessar, dizia que pensava cometer suicídio. Era alguém que estava hospedado no mosteiro há algum tempo, e no final fiquei muito alarmado e corri até o padre Sofrónio (Eu costumava correr até ele sempre que encontrava alguma dificuldade, porque sabia que o que quer que ele me dissesse seria de outro mundo). Através das suas orações, o padre Sofrónio percebeu que essa pessoa não cometeria suicídio, mas estava apenas a forçar o seu caminho até mim, a fazer-me chantagem. Portanto, ele me aconselhou: "Vá e diga a essa pessoa que ele pode fazer isso se quiser, colocando uma corda em volta do pescoço, mas, não aqui no mosteiro." Eu fiz isso, e essa pessoa caiu em si e nunca mais disse isso de novo. Mas, eu mesmo não tenho discernimento para ver se alguém realmente pretende matar-se ou não; o meu ministério é meio cego. Você tem que ter uma oração, como a tem o padre Sofrónio, para ver claramente e proceder de tal maneira. Em outros casos, você pode ajudar as pessoas explicando a elas: "Você quer cometer suicídio? Você está certo. Há alguma verdade no que você quer fazer, há uma parte de nós que deve morrer - não todo o nosso ser, mas apenas o nosso "velho eu" com seus desejos, pensamentos e mentalidade. "Avise a pessoa que o suicídio irá destruí-lo totalmente, mas se ele matar a parte dele que deve morrer, isso o ajudará e o salvará. Existem certos princípios, mas não receitas.

CAPÍTULO 5 A CONSTRUÇÃO DO CORAÇÃO ATRAVÉS DA VIGILÂNCIA E DA ORAÇÃO

Um fator básico na edificação do coração e na prática da oração é a vigilância, que ajuda bastante a direcionar a mente para o coração e depois para Deus.¹⁹ A vigilância concentra todo o homem no seu esforço para permanecer na presença de Deus e carregar os seus mandamentos.

Na tradição ascética, a vigilância, ou atenção da mente durante a oração, é essencial para o cumprimento do primeiro grande mandamento - amar a Deus. Ele visa assegurar que todo o movimento da mente e do coração esteja em harmonia com o Espírito de Deus, para que o retorno do homem a Deus seja completo, pois o nosso Deus é um Deus zeloso, que não se contenta com nada menos que todo o coração do homem. É por isso que o cristão está diante de Deus no início de cada dia: ele sintoniza toda a sua disposição, colocando a sua mente no seu coração, mantendo assim os seus pensamentos e sentimentos na constante presença do Senhor.

Uma maneira de manter essa atitude ao longo do dia, consiste na prática de assumir voluntariamente a culpa sobre si mesmo. Quando o homem se julga estritamente, ele é contrito perante o Senhor, e toda a sua mente se junta ao seu coração. Ele está, então, mais disposto a clamar a Deus com todo o seu coração e ser justificado por Ele. Essa prática estabelece firmemente a vigilância de sua mente e, a partir daí, "não é fácil para o inimigo trapacear o seu caminho" no coração do crente.²⁰

Durante a oração, a atenção do crente deve ser acompanhada por autocontrolo e paciência, que também é chamada de "vigilância orante". Isso verifica a dispersão da mente e a mantém concentrada no trabalho da oração. De facto, a oração per se, como se desenvolveu dentro da tradição Ortodoxa, é em si uma forma de vigilância, na medida em que envolve a invocação repetida do nome do Senhor em uma única frase: 'Senhor, Jesus Cristo, Filho de Deus, tem piedade de mim.

A primeira parte desta oração contém uma confissão de fé na divindade de Cristo e na Santíssima Trindade. A segunda parte, "tenha misericórdia de mim", é a súplica de quem reza - seu reconhecimento da queda do homem (em ambas as suas dimensões universal e pessoal), sua pecaminosidade e sua necessidade de redenção. Ambas as partes da oração, a confissão de fé e a súplica do penitente, são complementares e dão à oração a plenitude de seu conteúdo.

Inicialmente, esta oração de uma única frase é dita em voz alta. Isso se desenvolve em sua expressão silenciosa e, finalmente, pela cooperação da graça, a mente orante desce ao coração profundo do homem, onde o Nome do Senhor encontra sua morada legítima. Este tipo de oração é, portanto, conhecido como oração noética ou oração do coração.

A invocação contínua do Nome de Cristo e a atenção da mente às palavras da oração, promovem uma disposição estável de oração. A oração gradualmente se torna o estado natural do homem, a vestimenta da alma, e a reação natural do coração em relação a todo o evento na esfera espiritual. De passagem, chamamos á atenção para o grande significado de tal oração na hora da morte. O trabalho da oração noética é, em última análise, uma preparação para a vida celestial, e o asceta, portanto, olha para o final da sua vida na Terra. Ele treina a si mesmo para abandonar toda a preocupação terrena, para que o seu nascimento na vida celestial possa ser indolor e tão livre de perigos quanto possível.

¹⁹ He who seeks prayer with vigilance, will find prayer", Evagrius Ponticus, On Prayer, 149 (PG 79: 1200A).

²⁰ Cf. Arquimandrita, Sofrónio, On Prayer, op. cit., p. 153

A descida da mente para o coração não é alcançada por meio de técnicas artificiais relacionadas com a postura do corpo ou com o controlo da respiração. É claro que tais meios não são necessariamente desprovidos de valor e podem ser usados como ajuda nos primeiros estágios da vida espiritual, sempre tendo em mente que a supervisão de um guia espiritual e uma atitude humilde do aprendiz são indispensáveis. Mas, quando tudo é dito e feito, a graça de Deus sozinha permite que a mente desça ao coração e entre em união com ela.²¹

É lamentável que haja confusão generalizada entre os inexperientes, para não mencionar a ilusão, segundo a qual a Oração de Jesus é considerada equivalente ao yoga, ao budismo, ou "meditação transcendental" e outras práticas exóticas orientais. Qualquer semelhança, no entanto, é principalmente externa, e qualquer convergência interna não se eleva além da "anatomia" natural da alma humana. A diferença fundamental entre o cristianismo e outras crenças e práticas, reside no fato de que a Oração de Jesus é baseada na revelação do Único Deus Vivo e pessoal como Santíssima Trindade. Nenhum outro caminho admite qualquer possibilidade de um relacionamento vivo entre Deus e a pessoa que reza.

O ascetismo oriental visa despojar a mente de tudo o que é relativo e transitório, de modo que o homem possa se identificar com o Absoluto impessoal. Acredita-se que esse Absoluto seja a "natureza" original do homem, que sofreu degradação e degeneração ao entrar numa vida multiforme e em constante transformação na Terra. A prática ascética como esta é, acima de tudo, centrada no eu, e é totalmente dependente da vontade do homem. O Seu caráter intelectual trai a plenitude da natureza humana, na medida em que não leva em conta o coração. A principal luta do homem é retornar ao anónimo Supra-pessoal Absoluto e ser dissolvido nele. Ele deve, portanto, aspirar a apagar a alma (Atman), a fim de ser 'um' com este oceano anónimo do Absoluto Supra-pessoal, e nisso reside o seu propósito, basicamente negativo.

Em sua luta para despojar-se de todo sofrimento e instabilidade ligados à vida transitória, o asceta oriental mergulha na esfera abstrata e intelectual da chamada Existência pura, uma esfera negativa e impessoal na qual nenhuma visão de Deus é possível, somente a visão do homem sobre si mesmo. Não há lugar para o coração nesta prática. O progresso nessa forma de ascetismo depende apenas da vontade individual de se obter sucesso. Os Upanishads não dizem em nenhum lugar que o orgulho é um obstáculo para o progresso espiritual, ou que a humildade é uma virtude. A dimensão positiva do ascetismo cristão, na qual a abnegação leva a 'um só vestuário' com o homem celestial, à assunção de uma forma sobrenatural de vida, cuja fonte é o Único e Verdadeiro Deus, está obviamente e totalmente ausente. Mesmo em suas expressões mais nobres, a auto-negação envolvida no budismo é apenas a metade insignificante do quadro. No desejo da mente de retornar ao seu eu meramente "natural", ela vê sua própria nudez numa "nuvem de alienação". Mas, neste ponto há um grave risco de obsessão consigo mesmo, de se maravilhar com sua própria beleza luminosa, mas criada, e de adorar a criatura mais do que o Criador (Rom. 1:25). A mente já começou a divinizar-se ou idolatrar a si mesma e então, de acordo com as palavras do Senhor, "o último estado desse homem é pior do que o primeiro" (Mt 12:45).

Tais são os limites dos estilos orientais de contemplação, que não pretendem ser a contemplação de Deus, e são, de fato, a contemplação do homem sobre si mesmo. Isso não vai além dos limites do ser criado, nem se aproxima da verdade do Ser primordial, do Deus vivo incriado que se revelou ao homem. Esse tipo de prática pode muito bem proporcionar algum relaxamento ou aperfeiçoar as funções psicológicas e intelectuais do homem, mas "o que é nascido da carne é carne" (João 3: 6) e "os que estão na carne não podem agradar a Deus" (Rom. 8: 8).

²¹ Cf. *ibid.*, pp. 146–147.

Para ser autêntico, qualquer despojamento da mente de seus apegos apaixonados aos elementos visíveis e transitórios desta vida, deve estar ligado à verdade sobre o homem. Quando o homem se vê como está aos olhos de Deus, sua única resposta é a do arrependimento. Tal arrependimento é, em si mesmo, um dom de Deus, e gera uma certa dor sobre o coração que, não apenas separa a mente das coisas corruptíveis, mas também a une às coisas invisíveis e eternas de Deus. Em outras palavras, o despojamento como um fim em si mesmo é apenas metade da questão, e consiste no esforço humano operando no nível do ser criado. O cristianismo, por outro lado, ordena que o asceta se esforce na esperança e expectativa de que sua alma será vestida, investida, com a graça de Deus, que o levará à plenitude da vida imortal, para a qual ele sabe que foi criado.

Muitos admiram Buda e o comparam a Cristo. Buda é particularmente atraente por causa da sua compreensão compassiva da condição do homem e de seu ensinamento eloquente sobre a libertação do sofrimento. Mas, o cristão sabe que Cristo, o Filho Unigênito de Deus, pela sua Paixão, Cruz, Morte e Ressurreição, entrou voluntariamente e sem pecado na totalidade da dor humana, transformando-a numa expressão do Seu amor perfeito. Ele assim curou Sua criatura da ferida mortal infligida pelo pecado ancestral, e a tornou "uma nova criação" para a vida eterna. A dor do coração é, portanto, de grande valor na prática da oração, pois a sua presença é um sinal de que o asceta não está longe do verdadeiro e santo caminho do amor a Deus. Se Deus, através do sofrimento, mostrou o Seu amor perfeito por nós, da mesma forma, o homem tem a possibilidade, através do sofrimento, de retornar seu amor a Deus.

Consequentemente, a oração é uma questão de amor. O homem expressa amor através da oração e, se oramos, é uma indicação de que amamos a Deus. Se não oramos, isso indica que não amamos a Deus, pois a medida da nossa oração é a medida do nosso amor a Deus. São Silvano identifica o amor a Deus com a oração, e os Santos Padres dizem que o esquecimento de Deus é a maior de todas as paixões, pois é a única paixão que não será combatida pela oração através do Nome de Deus. Se nos humilharmos e invocarmos a ajuda de Deus, confiando em Seu amor, é-nos dada a força para conquistar qualquer paixão; mas quando nos esquecemos de Deus, o inimigo está livre para nos matar.